



Roberto Denser

A ORQUESTRA DOS CORAÇÕES SOLITÁRIOS

Contos sobre a solidão
inspirados nas músicas
dos **BEATLES**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ROBERTO DENSER

A

ORQUESTRA

DOS

CORAÇÕES SOLITÁRIOS

CONTOS SOBRE A SOLIDÃO INSPIRADOS NAS MÚSICAS DOS BEATLES

Copyright © 2013 by Roberto Denser

Revisão:

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou usados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, acontecimentos e locais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Denser, Roberto, 1985—

A Orquestra dos Corações Solitários: Contos / Roberto Denser — 2013.

Edição exclusivamente digital.

1. Ficção. II. Contos. IV. Denser, Roberto.

2013

Para minha adorável wunderkind.

Oh, look at all the lonely people.

The Beatles - Eleanor Rigby

Índice

Best hits – Comentários de Leitores e Escritores	6
<i>Hey Jude:</i> <u>O tipo de merda que acontece</u>	<u>8</u>
<i>Let it be:</i> <u>O silêncio que ensurdece o coração</u>	<u>14</u>
<i>Yer Blues:</i> <u>Ao perdedor, pipocas amanteigadas</u>	<u>21</u>
<i>She's leaving home:</i> <u>Os motivos de Regina</u>	<u>33</u>
<i>The long and winding road:</i> <u>O outro lado do nirvana</u>	<u>39</u>
<i>Eleanor Rigby:</i> <u>O zodíaco dos desencontrados</u>	<u>47</u>
<i>Sgt. Pepper's lonely hearts club band:</i> <u>A orquestra dos corações solitários</u>	<u>52</u>
<i>Something:</i> <u>Alguma coisa nas estrelas</u>	<u>56</u>
<i>Girl:</i> <u>Uma história de amor parada no tempo</u>	<u>62</u>
<i>Free as a bird:</i> <u>A bailarina de vidro</u>	<u>79</u>
<i>Here, there and everywhere:</i> <u>A outra</u>	<u>86</u>

Here comes the sun: [Cavalo de Troia](#)
[92](#)

I'll follow the sun: [O Azimuth](#)
[98](#)

Bonus track - *With a little help from my friends:* [A esperança \(vã?\) de dias tranquilos ..](#)
[102](#)

Best hits

COMENTÁRIOS DE ESCRITORES

“Genial. Lembra-me Cortázar. Denser está conseguindo captar nossa época com a nitidez impressionante que ele costumava ter. É como se a gente estivesse cansado de tanto experimento em Arte e, de repente, déssemos com um quadro de total realismo, e respirássemos aliviados. (...) Vai emplacar, meus caros. Vai emplacar.”

— **W. J. Solha**

“Foi uma experiência ótima de leitura que me tomou das 14h às 16h50, mais ou menos. O tempo de ouvir um álbum, não é?”

— **Débora Ferraz**

“A Orquestra dos Corações Solitários não é um livro de contos, mesmo sendo. É como os tais filmes Paris, eu te amo ou Contos de Nova York. Desde o começo, o projeto de unidade, que todo livro de contos deve ter, é levado ao extremo. E não estou dizendo aqui sobre as letras dos Beatles, que pra mim seriam dispensáveis, apesar de funcionarem como primeira camada desta unidade. Os personagens é que se conectam. A tristeza e a solidão da vida urbana permeia todo livro, e nem o conto final nos dá a esperança de que, na vida real, isso seja

diferente. Um grande romance de estreia!”

— **Roberto Menezes**

“(…) um primeiro álbum de best-hits.”

— **Luísa Geisler**

6

COMENTÁRIOS DE LEITORES

“Um dos livros mais lindos que eu já li. Obrigada por me fazer rir e chorar. Por favor, não pare de escrever.”

— **Amanda Fontenelle**

“Achei o *O outro lado do nirvana* genial. Um tema que foi várias vezes abordado mas que Denser coloca de uma forma maravilhosa e faz a gente refletir sobre nossa própria vida. Aliás, todos os contos nos fazem pensar sobre nós mesmos. Eu acho isto uma grande qualidade! (...) *Alguma coisa nas estrelas* e *Uma história de amor parada no tempo* são perfeitos! E este último me fez ir tão longe que eu me pergunto se o 'captei' bem. (...) Achei lindo!”

— **Aline Camargo**

“Apesar de versar sobre a solidão, A Orquestra dos Corações Solitários é uma ótima companhia.”

— **Emilayne Souto**

“Em cada conto que escreve ele parece ter se inspirado em uma parte de nossa vida. Quem nunca perdeu uma pessoa querida e tentou reencontrá-la entre as estrelas? Denser lê a nossa alma, nos desnuda. É como se um holofote fosse posto sobre nós. Seu conto-título, *A orquestra dos corações solitários*, é uma sinfonia perfeita para se deleitar com essa leitura sedutora e fascinante (...), é como se uma verdadeira orquestra tocasse.”

— **Jéssica Dantas**

7

O tipo de merda que acontece

Para ler ao som de *Hey Jude*

GASPAR SE ENFORCOU COM UM CINTO de couro de jacaré da marca SUELDO'S, mas era o tipo de cara que jamais teria cometido suicídio. Quando acharam seu corpo, as duas primeiras coisas que observaram foi que ele havia morrido enquanto se masturbava, e que não aparava os pentelhos já fazia um bom tempo. Evidentemente, ninguém comentou nada sobre isso. A mãe, lutando para segurar as lágrimas, pegou um pano úmido e limpou o esperma seco na coxa do filho, depois lhe vestiu uma cueca limpa, um calção. A irmã, mais nova, quis fazer o serviço, mas a mãe não deixou. Normal, eu também não teria deixado. O pai nada disse: nem antes, nem durante, nem depois do enterro. Ficou lá, calado, mergulhado num silêncio tão sólido que poderíamos pesá-lo se quiséssemos. Ninguém quis. A *causa mortis* ficou como suicídio mesmo, claro, e ninguém pareceu se importar. Gaspar não era católico.

No enterro, dei condolências, senti vergonha alheia pela forma como ele havia sido encontrado, dediquei-lhe um brinde de *dry martini* e fui para casa fumando cigarros artesanais do oriente — um tipo que deixava minha boca com gosto de merda azeda e romã — e enquanto caminhava, pensava no quanto a vida era irônica. Ora, eu é que era o suicida da galera. Os dedos atrofiados incapazes de dedilhar uma guitarra novamente provavam isso.

Por que não morri quando tentei? Gaspar estava na minha o suficiente para adivinhar quando aconteceria, eis tudo. Chegou no momento certo, preparou torniquetes, chamou a emergência a tempo de livrar minha alma do inferno — como se tivesse treinado a vida inteira para aquela situação — e agora eu estava ali: sem força nos tendões, fazendo um esforço fodido para segurar a droga do cigarro árabe; e ele estava lá: encaixotado entre flores horrorosas e com 8

uma cara de satisfação que beirava o ridículo. Que tipo de defunto era aquele, afinal? *O tipo de defunto, bróder, que primeiro morreu a pequena morte, depois a grande, e tudo lhe parece maravilhoso, tudo nos eixos. É o tipo de merda que acontece quando ousamos improvisar, mexer com o que tá quieto ou desconsiderar um conselho materno do tipo não-faça-isso-ou-você-vai-se-dar-mal.*

Pouco antes de chegar em casa, encontrei Luana. Cabelo pintado de rosa, maquiagem borrada, lembrava um panda: duas bolas pretas derretidas no rosto extremamente branco.

Ela voou em meus braços e me apertou com força, a cabeça se escondendo em meu peito enquanto as lágrimas molhavam minha jaqueta WWII USA Air Force Bomber, comprada na internet por 89 dólares americanos e a qual não largava em tempos de frio.

— Tudo vai ficar bem — falei. Mas era só o protocolo. Um suicida tentando convencer alguém de que a vida é maravilhosa e não vale a pena sofrer não é o tipo de coisa que faz muito sentido na maioria das vezes, mas naquele momento ninguém além de mim iria se dar conta disso — Tudo vai ficar bem, Lu.

Ela não respondeu, apenas continuou chorando e perguntou por quê.

— Por que ele foi morrer, porra? Por quê?

Respondi mentalmente que ele morreu porque tentara improvisar, não havia mistério, mas verbalmente apenas repeti que tudo ia ficar bem.

— Vamos, vamos pra minha casa. Te preparo um chá quente e você se deita um pouco.

Depois fumamos unzinho, que tal?

Ela continuou sem responder, mas eu sabia que agora o seu silêncio queria dizer sim, pois começamos a andar abraçados em direção à casa de quatro cômodos que divido com um 9

gato angorá chamado Sancho. Lembrei que só tinha chá de hortelã — ela provavelmente não iria se importar — e retirei mais um cigarro de minha cigarreira de prata: foi um calvário, e percebendo a dificuldade que eu tinha para mexer os dedos, ela tomou a cigarreira, retirou um cigarro, colocou em minha boca, pegou o isqueiro no bolso do meu casaco e o acendeu. Meu orgulho ficou ferido, claro, mas agradei com os olhos, em silêncio, da mesma maneira como ela me agradecia por estar presente.

Voltamos a caminhar e logo chegamos em casa. Sancho não veio nos receber, continuou deitado no sofá como se ninguém houvesse chegado. Luana o expulsou de lá com um tapinha.

— Só tenho chá de hortelã — falei enquanto jogava o casaco no outro sofá e me dirigia para a cozinha. — Espero que não se importe.

— Tem álcool?

Olhei pra ela, mais uma vez em silêncio, encantado com o seu sotaque extremamente urbano, sua voz rouca, depois assenti e abri a geladeira, donde retirei uma garrafa de vodca.

— Você guarda a vodca na geladeira?

— Eu guardo tudo na geladeira, até açúcar, óleo e os livros do Bandeira.

Ela sorriu da minha rima improvisada, um riso forçado, depois viu o quanto eu era desajeitado com copos e garrafas e veio me ajudar. Seu humor parecia ter melhorado, pelo menos um pouco.

— Essa história do Gaspar me deixou fodida... Porra, tá frio! Acho que vai chover.

Peguei a cigarreira e a ofereci.

— Fede pra caralho, mas talvez ajude.

10

Voltamos para sala, liguei o DVD e coloquei uns vídeos dos Beatles. Ficamos calados, sem saber o que dizer um pro outro. Até que, em meio a *Hey Jude*, ela quebrou o silêncio e perguntou:

— Você o amava?

— Sim. Muito.

— Eu também.

— Por que você não foi ao enterro?

— Os pais dele não gostam de mim. Acham que ele começou a se picar por minha causa.

Se eu aparecesse lá, eles provavelmente chamariam a polícia... O engraçado é que foi ele quem me ofereceu essa porcaria pela primeira vez.

Ela arregaçou a manga do casaco e me mostrou os picos ligeiramente inflamados, purulentos. Não pude deixar de sorrir.

— Que bela geração de fodidos nós somos.

— E vodca gelada nesse frio é uma merda.

— Pelo menos combina com os cigarros.

Antes que me desse conta, eu acariciava seus cabelos. Ela não tentou me impedir, mas também não pareceu muito à vontade com isso. Talvez fosse a circunstância, talvez fossem apenas os meus dedos entrevados.

— Você precisa lavar esse rosto — falei. — Não fica muito elegante com a maquiagem borrada.

Ela assentiu.

11

— O banheiro é ali naquela porta. Tem lenço umedecido lá, talvez ajude.

Ela foi ao banheiro e eu pensei em apertar um baseado, depois lembrei das minhas mãos e mudei de ideia. Estava ali, curvado, encarando os dedos atrofiados e com os olhos lacrimejando quando ela voltou.

— Eu deveria ter escolhido outra forma — falei, mais para mim do que para ela. — Uma que fosse eficaz o suficiente para que o Gaspar não tivesse chegado a tempo, ou pelo menos uma que não me impedisse de estirar o dedo médio pralguem filho da puta como sequele.

Ela não disse nada.

— Mas talvez eu quisesse ser salvo, talvez só estivesse precisando de um pouco de atenção. É o que dizem dos suicidas, afinal — dei de ombros —, não é?

— Você não vivia falando por aí que ia se matar. Pegou todo mundo de surpresa... Quero dizer, todo mundo menos o Gaspar.

Seu rosto estava vermelho e inchado, mas já não havia marcas de maquiagem.

— O Gaspar não dava uma fora, Lu. Não faço a menor ideia de como aquele filho da puta soube, mas...

— É... Sabe o que eu não entendo? Como você consegue. Quero dizer, por que não tentou de novo?

— Não tem muito mistério. Sabe como é: cortei os pulsos e sobrevivi, agora estou cagando, andando e assobiando o hino da bandeira. Chame de apatia, se quiser, mas eu prefiro chamar de magia pura. Minha filosofia desde então tem sido a filosofoda-se.

Ela sorriu e voltamos a ficar em silêncio. Começou a tocar *Let it be* e chover quase ao mesmo

tempo, e então mergulhamos num estado apático de contemplação do nada. Éramos, 12

cada um a seu modo, espécies de sobreviventes; e mesmo essa condição era temporária. Ela provavelmente se picará até o fim — há muito ultrapassara o limite de onde era possível voltar atrás — e eu acabarei por escolher a mais covarde das possibilidades.

É o tipo de merda que acontece quando não se tem esperanças, quando não se tem motivos para lapidar no rosto um sorriso de plástico colorido e amar o outro tão somente para esquecer a nós mesmos. Quando não se tem nada em que se apoiar. O tipo de merda que acontece quando nos faltam motivos para cultivar a esperança vã de dias tranquilos.

— Tem dias que só Beatles salva — ela falou de repente e, silenciosamente, lhe cobri com meu abraço.

— É, Lu, é exatamente assim: tem dias que só Beatles salva.

13

O silêncio que ensurdece o coração

Para ler ao som de *Let it be*

ELE ESMAGOU A GUIMBA DO CIGARRO contra o cinzeiro, soltou a última baforada de fumaça e ajeitou o lenço palestino distraidamente. Ela o observava em silêncio. Gostava de seus trejeitos, de sua barba crescida e do modo como ele pronunciava as palavras, dando a cada uma delas a ênfase necessária ao discurso com a naturalidade de um professor. Achava que ambos haviam desperdiçado muito tempo antes de finalmente resolverem se encontrar. Agora que isso acontecia, contudo, era como se de algum modo nunca houvessem estado em companhia de outros. Ele, por sua vez, adorava tudo nela de uma maneira que pouco tinha de racional. Sabia disso e não se importava.

— Você entende o que quero dizer? — Ele ainda ajeitava o lenço e ela sorriu com sua falta de jeito.

— Entendo sim, claro. — Ela mexia o café sem se dar conta de que o fazia há cerca de dois minutos — Você deve folgá-lo nas pontas.

— Hã?

— O lenço, você deve folgá-lo nas pontas. Por isso está incomodando.

14

— Ah — Ela notou o enrubescimento. Não entendia como ele podia ficar envergonhado com algo tão bobo — Não costumamos usar esse tipo de coisa lá em minha terra.

Ele falava “minha terra” com o mesmo tom que um alienígena utilizaria para se referir ao seu planeta. Ela sorriu. Ele retomou o fio da conversa.

— A maioria dos motivos que temos para ficarmos juntos são extremamente lógicos, entende? Ambos fomos feitos para o amor, mas não para *aquele tipo de*. Perceba: gostamos das mesmas coisas, possuímos as mesmas tendências, temos objetivos comuns, ideias e ideais.

Ela assentiu.

— Você ama a liberdade, eu amo ter você livre. Quero alimentar isso, sabe? Quero dizer, em minha opinião a vida que você tem levado só tem contribuído para minar essa grandeza potencial que sempre percebi em você. Quero libertá-la em todos os sentidos.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes, mexeu no maço de cigarros sobre a mesa, ameaçou pegar outro, mas pareceu mudar de ideia.

— Preciso me manter dentro da meta de três cigarros por dia.

— Você já fumou dois desde que chegamos.

— Não sabia que você estava contando.

15

Ambos calaram e voltaram a atenção, quase simultaneamente, à garota que se apresentava tocando voz e violão. Acabara de tocar uma música do Caetano e agora anunciava que iria atender a um pedido muito interessante de alguém ali presente.

— É um pedido de um homem apaixonado, gente, e não se deve negar uma música a alguém que está apaixonado. Dizem que toda vez que um músico faz isso, morre um filhote de panda.

Alguns dos presentes sorriram, outros cochicharam, a maioria olhava para os lados tentando adivinhar quem era o apaixonado que pedira a música. Ele voltou a olhar para ela.

— Eu acredito naquela história de que o amor é uma coincidência, mas não quis tentar a sorte, por isso resolvi pedir.

Agora era a vez dela de ficar envergonhada.

— Essa música...

— É, é a nossa música.

Então permaneceram em silêncio durante os três minutos seguintes enquanto a jovem cantora dedilhava e cantava a música *Let it be* com uma voz que claramente tentava imitar Joan Baez.

— Tudo por causa daquele filme.

— É, a nossa vida tem muito daquele filme. Só espero que terminemos bem.

16

— Tudo parece bem; sendo o fim doce, que importa que o começo amargo fosse?

— Você costumava citar isso... Quem é o autor, Shakespeare?

— Tanto faz, apenas gosto dessa perspectiva.

— Eu também, apesar de me considerar um niilista e ter plena convicção de que nada acaba bem.

Ela deu uma gargalhada.

— Pensei que você se considerasse um existencialista.

Ela retirou um cigarro do maço e ele lhe passou o isqueiro metálico. Ela acendeu, deu um trago profundo, soltou a fumaça e pareceu mais à vontade.

— Eu sou existencialista quando convém, mas no fundo me enquadro melhor no arquétipo

niilista.

Ela ficou séria e por um breve instante ele achou ter visto um lampejo de lágrimas em seus olhos.

— O que acontece agora? — indagou, deixando os lábios entreabertos ao finalizar a frase.

— Não sei. Acho que decidimos, sabe? Simplesmente decidimos e seguimos adiante.

Juntos, separados. Só não podemos permanecer como estamos.

17

— Tem razão. Alguma decisão deve ser tomada.

— A minha já está. Sempre tive tudo muito claro.

— E o que sempre esteve tão claro?

— Que amo você.

— Você não acredita no amor...

— Não *naquele tipo de*. Você sabe disso.

— Claro, claro, só estava querendo desviar o assunto. Não posso afirmar isso: “Amo você”,

entende? Não teria segurança em minhas próprias palavras. O que sinto não pode ser expresso dessa forma.

— Entendo sim, moça. Sempre entendi.

Ambos se encararam por um instante. O silêncio que se instalou não foi um estorvo ou um incômodo, nada disso. Foi um silêncio de anuência, que servia principalmente para fazê-los perceber, com uma intensidade que jamais haviam sentido, o quanto precisavam um do outro.

Entretanto, a decisão já estava tomada, pensou ela, desde antes, talvez desde sempre.

— Não vamos continuar com isso — falou finalmente, quebrando o silêncio com uma voz tão aguda, com um sotaque que em tudo se diferenciava do dele. — Por favor, não me procure mais, sim? Não devemos mais nos falar.

18

Ele assentiu em silêncio, mas não a encarou.

— Não me mande cartas ou emails, não me telefone. Nem mesmo procure saber de mim.

Ele permaneceu impassível. Ela esmagou a guimba do cigarro contra o cinzeiro, exatamente da mesma maneira que ele fizera pouco tempo atrás, pegou a bolsa e se levantou.

— Eu amo você. Apenas saiba.

Ela sabia.

— Seja feliz, está bem? Eu preciso sair daqui com a convicção de que você será feliz...

— uma mecha se desprendeu de seus cabelos e ficou solta à frente de seu rosto.

Ele tornou a encará-la, deu um sorriso que mais parecia um lamento e então disse:

— Eu sou feliz, moça, e continuarei sendo. Apesar de você, continuarei sendo.

Ela assentiu, puxou a mecha para trás da orelha, baixou a cabeça e saiu caminhando calmamente. Ele pegou mais um cigarro. Acendeu.

— Posso sentar com você?

Ele olhou para a jovem cantora e só então se deu conta de que ela parara de tocar. No pequeno palco do bar, um grupo de americanos se preparava para apresentar um showzinho de jazz.

— Claro, pode sentar sim.

19

— A música não funcionou?

— Funcionou sim. Não tinha como não funcionar.

Ela retirou o prendedor de cabelos — revelando um enorme e ondulado cabelo loiro — depois os rearranjou num coque, deixando todo o pescoço à mostra, e os prendeu novamente.

— Posso pegar um desses?

— Pode sim.

Ela retirou um cigarro e colocou na boca. Ele o acendeu como um cavalheiro.

— Aninha — falou para uma garçonete que passava ao lado deles — Me traz duas heinekens, pode ser? — Ela o olhou para ver se ele não fazia alguma objeção, mas viu que ele apenas sorria, concordando. Aninha foi pegar as cervejas.

— E então, quer me contar sua história?

— Temos a noite inteira para contar histórias.

Ambos sorriram e se encararam.

— É, tem razão.

20

Ao perdedor, pipocas amanteigadas

Para ler ao som de *Yer Blues*

NÃO HÁ NADA MAIS DEPRIMENTE do que um homem bebendo sozinho, pensou Diógenes.

Isto é, talvez um homem morrendo sozinho seja mais deprimente. Não. Um homem morrendo sozinho no Natal. É, não há nada mais deprimente que isso. Peraí, perai, e um homem

cometendo suicídio sozinho em sua casa no Natal, hã? Muito mais deprimente!

Estava mergulhado nesses pensamentos quando voltou a observar o homem sentado sozinho na outra mesa. Era um homem na casa dos cinquenta, talvez mais para lá do que para cá, com uma barba grisalha crescida e roupas quentes em tons de cinza. Diante dele, uma garrafa meio vazia de vinho Carreiro e um cinzeiro meio cheio de bitucas amassadas. O homem apoiava o rosto sobre o punho fechado e olhava entediado para o copo, olhava sem ver, como se apenas seu corpo estivesse ali.

Diógenes, atraído por aquela figura, considerou que, já que também estava sozinho, ambos poderiam juntar-se na mesma mesa e compartilhar um pouco da solidão um do outro.

— Ei, amigo — chamou, erguendo seu copo —, será que posso lhe fazer companhia?

Gostaria de conversar um pouco...

O homem só moveu as órbitas dos olhos, do copo para Diógenes, depois respirou fundo e — talvez fosse apenas impressão, mas Diógenes achou que a contragosto — assentiu.

21

Ele foi até a mesa vizinha arrastando copo e garrafa, e sentou-se.

— Me chamo Diógenes — disse, estendendo-lhe a mão — É grego. Quero dizer, deve ser grego, né? Não tenho certeza.

O homem o cumprimentou de volta.

— Meu nome é Simão. É bíblico.

— Aham. O apóstolo.

— É.

Simão encheu o seu copo.

— Então, Diógenes, o que alguém de sua idade faz nessa espelunca sozinho às duas da manhã?

Diógenes sorriu.

— Não sou tão jovem quanto pareço — disse — Já passei dos trinta.

Simão deu um gole no vinho, depois passou a língua sobre o bigode para lamber as gotículas que ficaram ali penduradas. Olhava com olhos verdes e inquisidores, o rosto já vermelho da embriaguez. Diógenes não conseguiu encará-lo.

— Minha garota me deixou — ele apontou para o dedo anelar da mão direita — Vê a marca? Estávamos de casamento marcado para dezembro. Achei que seria legal beber um pouco 22

sozinho num lugar onde ninguém me conhecesse. Faz tempo que não bebo. Talvez tenha perdido um pouco o jeito.

Simão sorriu.

— Entendo. O que você faz da vida?

— Sou vendedor ambulante de sandálias magnéticas.

— Sandálias magnéticas? E servem para quê, encontrar moedas enquanto se anda tranquilamente pelas ruas?

Diógenes esboçou um sorriso.

— Antes fosse isso. Segundo o pessoal da empresa, essas porcariinhas curam até mesmo o câncer. Eu não acredito, sabe como é, eles inventam qualquer coisa para vender essas merdas.

— Você deve ser um péssimo vendedor.

— Só quando vendo algo em que não acredito. Entenda: segundo os meus superiores, se eu calçar essas sandálias nos pés dum defunto, em algumas horas ele será capaz de levantar e começar a fazer polichinelos.

Simão deu uma gargalhada que ecoou pelo barzinho vazio não fosse o dono, que assistia distraidamente ao cine privé numa televisão suspensa na parede.

23

— Não entendo por qual razão você ainda trabalha com isso.

Diógenes deu de ombros.

— Eu estava para me casar, precisava de alguma coisa.

— E agora que o casamento se foi?

— Bem, talvez eu peça demissão e volte para a faculdade. Acho que é o melhor a se fazer.

Simão encheu os dois copos e pediu mais uma garrafa. O dono do bar levou a garrafa em silêncio e voltou para trás do balcão, os olhos fitos na tela.

— É barra. Alguém mais interessante?

— É, ela fugiu com um palhaço.

Simão segurou a gargalhada que tentou irromper através de sua garganta e quase cuspiu todo o vinho sobre a mesa.

— Um palhaço? Cê tá de brincadeira!

— Verdade. Um palhaço. Um circo tinha chegado à cidade. Um daqueles com a lona furada e dançarinas gordas de meia idade que se vestem com *collants* furados cheios de lantejoulas brilhosas e dançam chamando você.

— Conheço o tipo.

24

— Pois é. O pior de tudo é que o filho da puta do palhaço nem usava fantasia.

— Um palhaço sem fantasia?

— Acredite se quiser.

— Ele pelo menos era engraçado?

— O filho da puta mais engraçado que já vi em toda a minha vida.

Ambos sorriram.

— Um brinde a isso — propôs Simão.

— Brindemos! — aceitou Diógenes.

Ambos brindaram e bebericaram seus vinhos.

— Tá frio pra cacete — comentou Diógenes.

— É — concordou Simão.

— E você, o que faz sozinho?

— Eu sou sozinho.

Diógenes ficou em silêncio.

— Minha mulher teve um derrame.

— E como ela está?

25

— Em coma profundo há três anos.

— Sinto muito.

— Não sinta. Já me acostumei com a ideia.

— Não tem filhos?

— Uma filha.

— Qual o nome dela?

— Ofélia. Casou com um advogado dos pampas e esqueceu dos pais.

— É barra.

— É.

Ambos ficaram em silêncio. Olharam para o balcão, o dono do bar já havia desligado a TV e agora preenchia palavras-cruzadas Coquetel, o bigode contraído com a boca meditativa, o cenho franzido.

— O que você faz da vida?

— Fazia. Sou aposentado.

— E o que você fazia?

— Dava aulas, eu acho. Era professor de literatura no Ensino Médio.

26

— Você parece um professor.

— Isso é um elogio?

— É.

— Obrigado.

— Eu estudava letras, sabia?

— Não, não sabia.

— Queria ser escritor.

— Sério?

— Sim.

— Não precisava ter se esforçado tanto — disse Simão — Por que deixou a faculdade?

— Tive que trabalhar.

— Não podia fazer as duas coisas?

— Podia.

— Por que não fez?

— Sei lá — Diógenes deu de ombros — Talvez estivesse de saco cheio. No frigar dos ovos, talvez fosse apenas isso.

— Eu já estive de saco cheio.

— E o que fez?

— Nada, continuei indo em frente. É barra.

— É, é barra.

— Você é um cara bacana.

— Obrigado. Você também é.

— O palhaço devia ser um fodido dum gostoso pra ela te trocar assim.

— Pior que não.

Diógenes bebeu o restante do vinho que estava em seu copo de um único trago, depois tornou a enchê-lo.

— Mas eu entendo ela.

— Entende?

— É, entendo.

— Então me explique porque eu não entendo mesmo.

— O amor contraria qualquer lógica.

28

— O amor? Pelo amor de Deus, cara, sua noiva fugiu com um palhaço! Uma porra dum palhaço!

— Eu sei.

— Você ainda gosta dela?

— Não, mas sinto falta.

— Acho que é normal sentir falta.

— Talvez. Você se acostuma.

— É, acostuma.

— Aí sente falta. Chega domingo e você quer sair e todos os seus amigos estão distantes porque você se afastou e já não é a mesma coisa de antes e tal. Aí sente falta.

— Não ligue.

— Como?

— Quando estiver assim, não telefone pra ela.

— Não tem como ligar, ela fugiu com o palhaço.

— Então você já tentou?

— Tentei.

29

— E não deu em nada?

— Fora de área. Ela provavelmente mudou de número ou... sei lá, ela fugiu com um palhaço, pode fazer qualquer coisa que bem entender.

— Um palhaço... e a família dela?

— Todos ficaram surpresos.

Simão voltou a rir, dessa vez com certo ceticismo.

— Você é o maior fracassado que eu já vi na vida.

— É, eu sei.

— Só falta ser mijado por um cachorro.

Diógenes sorriu.

— O vinho acabou.

— Saideira?

— É.

Ambos pediram mais uma garrafa de carreteiro ao barman.

— Vão querer mais alguma coisa? — perguntou.

— Pipoca amanteigada — respondeu Diógenes.

30

— Pipoca amanteigada? — perguntou o barman.

— É.

O barman deu de ombros, saiu e voltou com um pacote de pipocas Boku's.

— Eu estava pensando em bistecas de porco — comentou Simão —, mas acho que também posso comer pipocas amanteigadas.

— Tira-gosto de perdedor.

— *Nosso* tira-gosto.

— Um brinde a isso.

— Brinde!

Ambos brindaram mais uma vez. Diógenes já estava com a língua um pouco enrolada.

— Você é um cara muito legal, Simão.

— Você também é um cara legal, Diógenes.

Ambos sorriram.

— Como o palhaço se chamava?

— Pipoquinha.

Simão olhou para a pipoca sobre a mesa.

31

— É barra — disse.

— É — concordou Simão.

E ambos continuaram a comer e beber em silêncio.

32

Os motivos de Regina

Para ler ao som de *She's leaving home*

REGINA COMETEU SUICÍDIO dois dias depois de nossa briga. Não deixou nenhum bilhete, assim como não deu nenhum aviso prévio, nenhum sinal de que acabaria por entregar a si mesma em oferenda a Iemanjá. Eu estaria, desde então, condenado a reviver aquela tarde de ânimos exaltados, reconstruir cada elemento de cena, cada fala: a maquiagem borrada, os cabelos despenteados e o cigarro vacilante na mão trêmula. A alça negra do sutiã sobre o ombro sardento e pálido, a gola larga da blusa branca estampada com uma foto do James Dean de braços abertos pendendo na diagonal. Regina chorando, eu em frente: pernas cruzadas e olhar de desprezo. Lá fora, um sol que se ia, mas ia dela, ia de mim, fugia de nós.

E entre nós, apenas uma mesa de centro com tampo de vidro, um cinzeiro. Ela o pega num impulso e o atira em minha direção. Me desvio por pouco, fechando os olhos enquanto os

estilhaços voam em minhas orelhas. É a gota d'água: grito, avanço em sua direção, seguro seus braços teimosos, dou-lhe um tapa. Ela me fita assustada; de repente frágil, de repente vítima; e, vítima, escorrega por minhas pernas e cai ao chão: o cigarro esquecido no tapete e a alforria das lágrimas. Algoz, me desvencilho de seu apego e vou embora em silêncio, sem olhar para trás.

Dois dias se passam, não ligo nem espero sua ligação. Quando meu telefone toca, é Alyne quem chama. Digo alô, ela funga.

33

— Porra, Deco, Naninha morreu, porra! Porra!

Primeiro o choque de ouvir o que não se espera, depois a negação imposta por um peito que se aperta, um coração que pesa, uma mão que vai à boca e uma boca que está aberta, mas incapaz de dizer palavra.

— Ela se matou, Deco! Tá ouvindo, porra? Naninha se matou!

Outro choque: O chão que é puxado de você como se fosse um tapete, a sensação terrível de que todos os demônios do Inferno lhe sorriem.

— Me-meu Deus, Lyne... — é o que finalmente sai, mas é apenas um sussurro.

A boca está seca; os olhos, úmidos. O coração, não sei se bate.

— Como foi isso, Lyne?

Ela conta, entre choro esganiçado e fungadeira sem fim, que na noite anterior — feriado de Iemanjá — Regina saiu de seu apartamento completamente bêbada e foi às comemorações na praia. Dançou capoeira e maculelê, cantou em iorubá, jogou pipoca na cabeça dos passantes, bebeu cachaça no gargalo e, por fim, foi até o mar e se entregou em oferenda. O mar a aceitou por um tempo, mas Regina talvez fosse indigesta ou intragável, pois foi cuspidada de volta após uma noite inteira de ruminação. Ainda usava a mesma roupa do dia de nossa briga — descobri mais tarde — e tudo o que Lyne me contara fora de ouvir dizer.

Minha condenação: carregar a culpa eterna por ter sido idiota ao ponto de ignorar sua dor. Regina era pura dor e existir, para ela, era um açoite constante.

— Eu vou morrer jovem, Deco — costumava dizer —, não tenho saco pra velhice não.

E estava certa, se matara aos vinte e um anos, apogeu da juventude, e seus motivos — os motivos que dizia ter — jamais seriam suficientes para me convencer de que havia sido justa.

— Deco, eu queria me transformar numa poesia. Você já se sentiu assim?

— Que tipo de poesia, Naninha?

— Sei lá, porra! Uma bem decadente, daquelas que parecem comigo, saca? Nada de o-amor-é-dor, nada disso. Qualquer uma que fale sobre promiscuidade, crise existencial e vodca de cinco reais às cinco horas da manhã— ela olha para o cigarro e seu rosto se ilumina — Ah, e cigarros amassados guardados na gaveta das calcinhas!

— Nunca senti vontade de me transformar numa poesia, Naninha.

Ela fica em silêncio, solta fumaça pelas narinas, depois encolhe as pernas no sofá. Os olhos cintilam.

Quanto à forma que escolhera, não poderia ter sido outra. Regina gostava do mar.

— O mar é a maior doideira que eu já vi, Deco — caminhávamos num final de tarde, ambos descalços, os pés num batismo constante de águas salgadas.

35

— Eu também acho ele bonito.

— Bonito? Cê tá maluco, porra! Esse monstro azul carrega todas as dores do mundo dentro dele!

Pensava em ironizar seu comentário, depois mudava de ideia. Ela continuava.

— São todas as lágrimas derramadas — diz — Lágrimas de amores não correspondidos, de saudades de casa ou de alguém que se foi ou se vai... e de felicidade também, eu acho, mas essas tão em menor quantidade, não dariam sequer para encher uma banheira.

— Ai, Naninha, você é tão boba.

Então lhe dava um abraço, um beijo na testa, e o resto do trajeto era feito em silêncio.

A lembrança mais marcante de todas, contudo, é de uma das tantas vezes em que ela se questionava acerca da existência de Deus.

— Tá vendo aquele cachorro lá, Deco? — Ela aponta através da varanda do apartamento, eu me aproximo com uma garrafa de champanha recém-aberta e duas taças.

— O que tem ele? — Olho curioso e vejo: é, na verdade, um rabisco de cachorro: feridente, costelas exibicionistas, movendo-se acanhado e manco pela sarjeta, na defensiva, como se esperasse um chute invisível surgir de algum lugar a qualquer instante.

— Aquele cachorro é a maior prova de que Deus não existe, Deco.

36

Me aproximo e tento confortá-la, brincando.

— Pensei que a maior prova de que Deus não existisse fossem as baratas.

— As baratas são a segunda maior prova.

— Vem, vamos comemorar. Hoje é o seu aniversário.

Ela sorri, eu lhe passo uma das taças e encho com o espumante. Depois encho a minha própria taça e digo:

— Um brinde a você, Naninha, uma das pessoas mais especiais que eu já conheci.

— E ao cachorro também?

— E ao cachorro também — confirmo.

Há muito havia deixado de tentar entender aquela cabecinha confusa. Regina não fora feita para ser compreendida, era uma daquelas pessoas a quem se deve simplesmente aceitar.

Qualquer um que assim procedesse, estaria destinado a se apaixonar por ela. O único dia em que tentei compreendê-la foi o dia de nossa briga, o dia em que finalmente me cansei. Fui injusto: me convenci de que estava na hora de acabar com a palhaçada, que aquela história de ser poeta não era pra ela, que a poesia só levaria à ruína, à autodestruição. Que sua poesia era ruim. Que ninguém entendia. Não tinha talento.

E agora, sentado diante do monstro azul que carrega todo o sofrimento da humanidade, vejo apenas os olhos de Naninha, e compreendo, pela primeira vez, cada vírgula de seus 37

pensamentos tortos. Minhas lágrimas escorrem em meu rosto, mergulham em minha barba crescida, e tudo o que consigo sentir, de uma forma assustadoramente avassaladora, é a vontade louca de me transformar em uma poesia de Lorca.

— Alguma que fale sobre o vento do leste e punhais no coração.

Para ler ao som de *The Long and Winding Road*

SABE, DOUTOR, FAZ DIAS QUE NÃO CONSIGO DORMIR. Fico rolando na cama por horas até que desisto, levanto e vou fazer qualquer coisa. Às vezes vejo filme — sempre em preto & branco —, às vezes ouço música — sempre algo fora de moda, gravado em vinil —, às vezes preparo comida — sempre algo fácil.

Na maioria das vezes, verdade, arrasto um café, uma brochura, e me perco na varanda, sentado em minha cadeira de balanço enquanto o vento frio da noite congela meu nariz, minhas orelhas, meus ossos. O inverno chegou mais cedo este ano, doutor, e tem sido meu único amigo.

O senhor pode pensar que a solidão me incomoda, mas não é verdade. Gosto dela, gosto do silêncio que ela me traz apesar de paradoxalmente sentir saudades da barulheira que a criança fazia, dos resmungos de minha mulher. Mas a solidão... Bem, ela não é o problema, doutor, o problema, e é por isso que estou aqui, é que já não consigo sentir vontades.

Isso mesmo, doutor, vontades...

Tudo bem, posso ser mais específico sim. Sabe todo aquele blablablá dos filósofos sobre a vontade e o desejo? Que toda dor provém daí *et cetera*? Que a supressão das vontades enleva o espírito, nos faz chegar ao nirvana e essa coisa toda? Pois bem, eu já não sinto vontades.

39

Nada. Nada mesmo, doutor, veja: a fome, por exemplo, tem sido uma vontade de meu corpo, mas já não *cobiço* a comida. Já não sinto *desejo* por ela. Se alguém vier me falar sobre o quanto aquele pedaço suculento de qualquer coisa é maravilhoso, eu simplesmente dando de ombros direi: “Que legal”. Nada de água na boca, nada disso.

Quando como, doutor, o faço com a mesma voracidade com que o senhor comeria um pedaço de isopor. Quando leio, a verdade é que apenas os meus olhos vão, assim, atravessando as palavras mecanicamente — como se elas nada significassem, como se já nada tivessem a dizer. Quando ouço música, meu espírito já não se exalta como antes, já não entra em catarse.

Não, eu não sei quando começou. Lembro que a última vez que senti algo parecido com o que as pessoas chamam *sentir*, sentir de verdade, foi há cerca de quinze dias. Disso me lembro bem, doutor: estava indo ao banco sacar o dinheiro de minha aposentadoria, peguei o ônibus e me sentei do lado oposto e um pouco atrás de um jovem de aparentes trinta anos. Era magro, maltrapilho, com uma roupa social que provavelmente já vira dias melhores e já vestira alguém mais robusto.

Aquele jovem me chamou a atenção por estar lendo — sempre simpatizei com pessoas que leem nos ônibus, doutor — e fiquei a observá-lo na esperança de descobrir que livro ele lia.

Curiosidade gratuita e infantil, sabe? Mas não consigo evitar. De onde estava, não podia enxergar com muita precisão, mas duas coisas ficaram claras para mim: a primeira foi que o livro era velho como o diabo, tão velho que a cada movimento brusco ou freada que o ônibus

dava, eu ficava com a impressão de que ele viraria pó; a segunda, é que me era sem dúvidas um livro estranhamente familiar.

Apenas quando estava perto de minha descida é que reconheci o livro, doutor, e sei que o senhor não vai acreditar, mas juro que o que se seguiu foi verdade: o jovem o fechou e se levantou para pedir parada, e ao passar por mim pude ver a capa do livro de perto... Ah, doutor!

Qual não foi a minha surpresa ao ver que se tratava da primeira edição do meu primeiro livro?!

Sim, lançado há mais de quarenta anos e jamais reeditado! Dá para acreditar nisso?!

(...)

Não, doutor, eu que não quis, sabe? Aquele foi um livro muito pretensioso, escrito por um jovem de vinte e um anos que ainda não tinha visto nada da vida e achava ter visto tudo. Ou que o que vira era mais que suficiente para, para... O irônico, sabe, é que nem mesmo *eu* tenho aquele livro. Revê-lo foi como reencontrar um amigo há muito falecido. Sim, um amigo de infância que morreu há muitos anos e de repente aparece em sua frente sem a menor explicação, um fantasma. Não, não faço a menor ideia de onde aquele jovem o encontrou — apesar de desconfiar que deva tê-lo encontrado na prateleira dos livros promocionais de algum sebo —, mas isso é o de menos: o que me deixou perplexo, além de ter contribuído bastante para minha curiosidade, foi ver a paixão com que ele folheava aquela porcaria, sabe? Era como se ali estivesse contida toda a sabedoria do universo.

Não, eu nunca vou entender...

41

O que senti na hora? Um misto de surpresa e gratidão, vontade de me apresentar, quiçá lhe dar um autógrafo, conversar um pouco sobre o livro... Também senti vontade de pedi-lo emprestado, sabe? Por Deus, doutor, foi o livro que escrevi aos vinte e um anos! Foi o meu *primeiro* livro! É claro que eu gostaria de relê-lo! Reencontrar nele, talvez, o jovem que fui um dia, sabe? Aquele leitor assíduo de poetinhas malditos, que se vestia igual aos seus ídolos, que idolatrava Rimbaud e Verlaine, que se achava o próximo Dostoiévski... Ah, como eu era ingênuo, doutor! E pensar que tudo me parecia tão, tão fácil... Ainda sou capaz de lembrar a

dedicatória do livro, era assim: “Para Ana, minha eterna musa”. Haha, e pensar que minha eterna musa me trocou por um estudante de Direito pouco tempo depois do meu livro ter se tornado o maior fracasso editorial daquele ano. Engraçado, não é? É, eu sei que é. Acontecem coisas parecidas na vida de quase todo mundo, acontecem o tempo inteiro... De quê falava o livro? Era um romance sobre um velho diretor de teatro decadente que já tivera os seus dias de glória e tentava voltar aos tabloides a qualquer custo. Isso! Daí ele acabava ingressando pelo caminho do experimentalismo, da nudez injustificada, da verborragia hermética, do grito desesperado que repetia loucamente: olhem-para-mim-eu-ainda-existo-vejam-vejam! Mas ninguém queria ler sobre isso naquela época, talvez ainda não queiram.

(...)

Ah, falava do jovem-leitor. Bem, ele foi embora e eu nada lhe disse, sabe? Simplesmente fiquei calado, paralisado — provavelmente a mesma reação que teria diante do reencontro com o velho amigo morto — e continuei meu caminho até o caixa do banco. Só mais tarde, quando 42

cheguei em casa, foi que comecei a pensar no que tinha acontecido e irrompi, assim sem mais nem menos, numa crise de choro comparável às que tinha quando criança contrariada. Toda a minha vida, doutor, se fez consciente em meus devaneios, um *revival* completo com direito a trilha sonora e... o que vi, bem, o que vi não foi legal. Não.

Sabe, agora que estou falando a respeito, de repente me veio à memória uma frase de Rimbaud — um poeta que não leio desde os meus vinte e um anos, veja bem —, mas que, salvo engano, diz exatamente o seguinte: “Por delicadeza perdi minha vida”. Pois é, doutor, *por delicadeza perdi minha vida*: este poderia ser o meu epitáfio, sabe? Talvez o único epitáfio que me fizesse justiça.

Acontece que vivi uma vida em que me anulei demais, em que abri mão demais, em que cedi demais. É. Primeiro pelos meus pais, depois por uma ou outra namorada, por Ana, depois por Maria — com quem me casei e vivi por todos esses anos —, por meu trabalho na repartição, e, por último, pelos meus filhos que, graças a Deus, agora vivem suas próprias vidas. Muitas vezes disse sim quando a resposta era não e vice-versa, mas percebo que a culpa foi só minha.

Eu escolhi me perder, ou me deixar levar, e agora que o tempo acabou, que a morte já me observa com certa cobiça e que as noites já não me provocam o sono, que o reflexo do corpo já não responde com precisão e os desejos já não são meus, e sim de um corpo que precisa — mas não quer —, é que me dou conta disso e fico a imaginar se existe uma forma de voltar atrás, de recuperar o tempo que passou.

Não, doutor, eu já não consigo cultivar esperanças. Meu tempo passou sem mim, minha vida foi vivida sem mim. No automático.

Devo ter vivido o sonho de outro, outro deve ter vivido o meu.

(...)

Sabe, doutor, talvez seja este o destino da maioria dos homens: viver o sonho de outro, enquanto outro vive o seu. Sonhos trocados, truncados, abandonados, eis o destino dos homens!

Deixe-me contar duas coisas curiosas a meu respeito: durante toda a minha vida, escrevi três livros. Dois deles publicados com meu nome e um com um pseudônimo exótico que tinha por objetivo chamar a atenção nas livrarias: Samayana Baruck Nassar de Lyon, já ouviu falar?

Haha, tenho certeza que não. Foi a última cartada antes da desistência e na época me parecia tão, tão genial...

E pensar que eu considerava aquela a minha melhor obra!

A segunda coisa curiosa é, bem, minha família. Casei — Maria era o nome dela, uma mulher pragmática, atenciosa, de poucas ambições e para quem uma vida caseira dedicada ao marido e aos filhos era o píncaro das realizações possíveis — aos trinta anos, a mesma idade com que Cristo resolveu que já estava na hora de colocar o pé na estrada, e nós vivemos uma vida razoavelmente feliz, doutor. Tivemos dois filhos, Eleonora e Eliezer, que cresceram saudáveis e hoje vivem suas próprias vidas.

44

(...)

Claro, a coisa curiosa. É meio embaraçoso e é por isso que estou enrolando para falar, mas tudo bem, vou direto ao assunto: eles nunca souberam de meus livros, doutor. Isso mesmo: minha família nunca soube que um dia eu cheguei a escrever alguma coisa que não fosse relatório e parecer. É, verdade, eu escondi isso deles como se ter escrito alguns livros fracassados fosse uma espécie de doença contagiosa ou passado ignominioso! Maria não se interessava por Literatura, portanto não tive nenhum motivo para conversar sobre isso com ela.

Já meus filhos, bem, ambos demonstravam um interesse peculiar às Letras, mas acabaram dando uma utilidade mais prática a esse interesse — me ocorre nesse momento que talvez tenha sido uma soma esquisita entre o pendor literário do pai e o pragmatismo da mãe. Eliezer

se tornou jornalista; Eleonora, professora.

Curioso, não é doutor? O mais curioso, porém, é que agora me arrependo disso. Quero dizer, ao sair daqui a primeira coisa que vou fazer, provavelmente, será convidá-los para um almoço de domingo onde lhes falarei a respeito de meu passado como escritor. Gostaria de poder ler uns trechos para eles, talvez ouvir suas opiniões nem um pouco isentas, talvez rir da ingenuidade daquele que um dia fui, mas creio que não será possível: eu não tenho mais nenhum dos meus livros e duvido que consiga encontrá-los em algum lugar. Isto é, talvez ainda exista algum exemplar em algum sebo — o rapaz no ônibus era a prova disso —, mas penso que seria praticamente impossível encontrá-lo, não acha? Estaria jogado entre tantos outros — brochura, papel-jornal, capa dura —, entre coleções de livros em domínio público, romances açucarados 45

da coleção Sabrina e... Que diabos! Quem se daria ao trabalho de catalogar um daqueles livros de um autor anônimo pelo qual ninguém procura saber?

(...)

(...)

Agora me ocorre que falei de forma um tanto aleatória, não é verdade? Sei que toda essa aleatoriedade faz parte, mas me sinto ridículo. Ouvir minha própria voz em meio a todo este silêncio me soa ridículo. Toda essa apatia com que tenho vivido meus dias me parece de uma insignificância tão grande e, mesmo assim, em tanto me incomoda. Tudo me soa ridículo.

(...)

Vou embora, doutor, voltar para o meu inferninho particular. Agradeço a paciência de seus ouvidos, a serenidade de sua frente. Não sei se volto. Sei que vou. Não sei até quando, mas sei que vou até.

Até, doutor.

O zodíaco dos desencontrados

Para ler ao som de *Eleanor Rigby*

Aries

ELA SE ENTREGOU AO SACRO OFÍCIO para o qual se considerava predestinada sem esperar nada em troca além da satisfação de fazer aquilo para o que nasceu. Entregou-se por completo sem saber que para se entregar por completo era preciso, antes, estar completo. Ela não estava, nunca esteve, talvez por isso tenha morrido sem fazer falta a ninguém.

Ossos do sacro ofício.

Touro

SUA IRA CONSTANTE não passava de uma defesa criada para manter longe toda aquela que o pudesse escravizar. Para ele, toda forma de amor poderia ser representada por chicotes e grilhões.

Tal impressão era fruto de uma única experiência.

Gêmeos

ERAM DOIS E, DOIS, ERAM UM. Eram um de dois sexos, eram dois de um sexo só. Eram, já então, incompletos, mas estavam completados pela ausência da necessidade de outro. Tinham apenas a perspectiva de vazio que sequer poderiam sonhar.

47

Por que tentaram violar o templo dos Deuses? Não podiam ter vivido em paz sem essa necessidade do outro? Essa busca incessante-infinita?

Trocaram a completude pela busca, agora nascem e morrem sós, por mais acompanhados que estejam.

Câncer

NICHOLAI KRAZINSKY ACORDOU CEDO e com uma serenidade poucas vezes vista entre os homens. Tomou um banho morno e preparou um leve café da manhã, em seguida colocou As Quatro Estações, de Vivaldi, no toca-discos e sentou-se em sua poltrona favorita. Em seu colo, descansava uma pistola calibre 38.

Krazinsky estava sereno quando ergueu a arma e dilacerou o seu coração com um tiro.

Não morreu de imediato: o corpo ficou convulsionando por alguns minutos, o cheiro de urina e sangue invadindo a sala de estar lentamente.

Ele não deixou nenhum bilhete, mas só porque não tinha para quem deixar.

Leão

FORA PROMOVIDO NA EMPRESA, mas em casa fora rebaixado. Titular indispensável na equipe sênior da sociedade anônima, reserva dispensável na equipe júnior da sociedade LTDA.

CAMILA DURÊ, DEZESSEIS ANOS, filha de mãe solteira. Gosta de se trancar no quarto ou no banheiro e se cortar com um pequeno canivete de mola que encontrou no porão ou se masturbar enquanto escuta Eleanor Rigby no volume máximo de seu eme-pê-quatro. Sente-se melhor quando faz qualquer uma dessas coisas. Também gosta de poesia e café, sofre de insônia, e sua melhor amiga é uma tartaruga australiana chamada Popsy.

É uma manhã de Natal, ela senta no chão frio de azulejo vestindo apenas uma calcinha branca que lhe deixa transparecer os pelos púbicos, e desliza a lâmina cega por seu antebraço esquerdo com mais força do que gostaria. A música, sempre a mesma, toca em seus ouvidos através dos fones.

Ela chora enquanto filetes de sangue gotejam sobre coxa, calcinha e azulejo, todos brancos. Após o ritual, sente-se melhor, pronta para encarar a ceia que está por vir.

Libra

— AS SEÇÕES DE LIVROS de autoajuda das livrarias estão cada vez mais cheias.

— Também observei isso. O que você acha?

— Acho que devemos levar os dois.

Ele pagou os livros, e foi embora sozinho.

— Que tal um filme?

— Acho ótimo.

49

Escorpião

O PRIMEIRO PASSO PARA ser traído, tinha certeza, era confiar; o segundo, se mostrar confiante. Sempre esperava o pior das pessoas, portanto o que viesse de ruim não lhe surpreenderia, e qualquer coisa boa seria lucro.

Só confiava em si mesmo, portanto acabou se traindo; ao trair-se, confiou em outro e por ele foi traído.

Sagitário

EROS CONTOU SUAS SETAS e viu que as de ouro haviam acabado. “Não tem problema”, pensou, “a partir de hoje lançarei setas de chumbo ao coração dos homens”.

Capricórnio

— VOCÊ FAZ PIADA COM tudo?

A resposta correta era: “Não, apenas com as coisas das quais sinto medo”. Respondeu apenas:

— Quase tudo.

— Zombar de quem vem ao cinema sozinho não é legal.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e baixou a cabeça.

Aquário

50

AMOR DE MÃE NÃO se explica, se aplica. Ela, porém, se aplicava demais — quando os filhos a visitavam por ocasião da ceia de Natal.

Peixes

PARA QUE ELE PUDESSE crescer, precisava de um aquário maior.

51

A orquestra dos corações solitários

Para ler ao som de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* ERA UM DIA FRIO E O METRÔ ESTAVA RAZOAVELMENTE vago. Ela observava os passageiros que se encontravam no vagão da forma mais discreta que era capaz — uma mania que, achava, jamais iria superar.

Primeiro observou a mulher de preto: *provavelmente é luto*. Ela segurava no colo uma caixinha de música com uma bailarina, para a qual olhava pensativa e chorava. *Sem dúvida alguma, é luto*, pensou.

Depois olhou a garota que sentava ao seu lado e viu que ela lia um livro de bolso.

Inclinou-se como se quisesse observar algo além da garota e viu a capa: Antologia Poética, Florbela Espanca. Instintivamente olhou para as mãos dela: *Nada de aliança, é solteira*; depois para suas roupas: *Deus, isso são pelos?*

Sentiu nojinho, olhou em volta e seus olhos cruzaram com os de um senhor idoso que lhe cumprimentou com um movimento da cabeça. Ela o cumprimentou de volta, não sem antes perceber que ele tinha duas bolsas escuras abaixo dos olhos: *Olheiras. Meu Deus, quanto tempo faz que esse senhor não dorme?*

52

Sorriu compadecida. Um telefone tocou e um homem — *um moço, na verdade, ele não parece tão velho* — enfiou a mão no bolso da jaqueta para pegar o celular. Ela o observou — *Ele é um gato!* — por alguns instantes até perceber que tinha algo errado com suas mãos — *Meu Senhor, coitado! Ele é aleijado! Tão jovem!* —, pois o moço tinha uma grande dificuldade para movimentar os dedos de modo que o celular tocou até parar e ele acabou recolocando-o no bolso da jaqueta.

Ao lado dele, um outro, também jovem, tinha fones enfiados nos ouvidos e olhava em direção a lugar nenhum. *Aposto que está apaixonado.*

Ela respirou fundo, procurando outra pessoa para observar, e viu um jovem que olhava para ela e escrevia. *Que estranho.* A princípio pensou que fosse engano, mas o jovem rabiscava algo em um pequeno bloco de notas, olhava para ela e tornava a rabiscar. Ficou sem graça, olhou para o outro lado e deu de cara com uma garota encarando o chão. *Nossa, no que será que ela está pensando?* Observou por alguns instantes, a garota não se moveu.

— Moça, essa caneta é sua?

Era um rapaz magro e usava um crachá com o nome Diógenes abaixo de uma faixa onde se lia Sandálias Magnéticas X-Foot. Era uma caneta *Bic* do tipo que ela jamais usaria. O rapaz percebeu seu olhar interessado para o crachá, ela sorriu.

— Não, não — respondeu e, no mesmo instante, uma mulher de cabelos negros se intrometeu na conversa.

53

— Acho que você encontrou minha caneta — disse.

— Ah, claro, eu estava justamente procurando o dono — ele sorriu e entregou a caneta à mulher.

— Obrigada — disse e, sorrindo, sentou-se ao lado de um moço que lia um livro de poesias de Lorca.

Ele é afeminado, pensou, sou capaz de apostar a minha vida como é gay. Sentiu-se atraída por ele, gostaria de ser sua amiga.

— Posso saber o seu nome? — perguntou o moço que encontrara a caneta *Bic*.

— Virgínia — disse ela.

Ele entregou-lhe um prospecto com informações sobre os benefícios do uso das sandálias magnéticas e disse:

— Meu nome é Diógenes, Virgínia. Prazer conhecê-la. Caso tenha interesse em comprar sandálias magnéticas, atrás tem o meu número.

Ela sorriu.

— Claro. Muito obrigada.

Diógenes assentiu satisfeito e voltou para o seu canto. Como não havia mais ninguém para observar, Virgínia permaneceu observando a todos. Precisava manter a mente ocupada 54

para não pensar no seu casamento que ocorreria no dia seguinte. Ela estava nervosa e pensar no casamento só piorava as coisas.

55

Alguma coisa nas estrelas

Para ler ao som de *Something*

ÀS VEZES TINHA A IMPRESSÃO DE QUE O passado que não viveu era a parte mais feliz de suas lembranças. Por este motivo, costumava olhar para o chão com uma frequência incomum. *É curioso, pensava, sentir saudades de algo que não vivi, de coisas que não conheci, de uma vida que não foi minha, me soa como sonhar no sonho dormido o amor impossível do príncipe que nunca existiu. Também é estranho, e como, meu Deus!, sentir saudades de minha própria vida... Esta, porém, é a que eu chamo saudade-do-mal, que me faz sofrer terrivelmente por criar em meu peito a vontade de voltar e refazer minha vida em seus detalhes.* E se sentir assim, pensar assim — sensação agravada nos últimos dias — fazia com que ela lembrasse do pai — principal foco de sua saudade-do-mal — e suas convicções kardecistas.

— *Filha, quando você se sente assim significa que você teve uma vida da qual gostou muito em outra encarnação e ainda se encontra apegada a ela.*

Ele sorria e cofiava a barba salpicada de prata, depois começava a falar empolgado sobre todas as coisas demasiado lógicas, dizia, do espiritismo: — *É tudo tão lógico! Você já sonhou com alguém que você nunca viu?*

— *Já.*

56

— *Você já sentiu antipatia ou simpatia por alguma pessoa após vê-la pela primeira vez?*

— Já.

— *Você já se apaixonou por alguém à primeira vista?*

— É... Já.

— *Você já viu que os bebês recém-nascidos brincam* — fazia aspas com as mãos — *sozinhos?*

— Já.

E ela lembrava de Pedrinho, filho de sua prima Jasmim, que ficava olhando para o suposto nada e sorrindo como se alguém lhe fizesse palhaçadas.

Tentou expulsar a lembrança, voltar a se concentrar em sua saudade-do-bem. Não conseguiu, a saudade-do-mal era mais forte.

— Se tudo o que disse é mesmo verdade — falou para o quarto vazio —, por que o senhor me deixou sozinha, hã? Não era pro senhor ter morrido. Não.

Começou a chorar, mas teve medo de estar fazendo o pai sofrer lá do outro lado. Lutou para segurar as lágrimas, não conseguiu. Que droga, droga, droga! Por que não conseguia evitar se sentir assim? Por que tinha que passar suas horas entre a lembrança do pai e a maldita saudade de coisas que nunca viveu? Aliás, saudade não. Nostalgia era o termo mais adequado, não era?

57

Saudade se sente de casa, de casa-lar e casa-pátria, não de algo abstrato que nunca se teve. Disso se sente nostalgia.

O pai. O pai que, sozinho, fora também mãe, que, desajeitado, lhe falara pela primeira vez sobre menstruação, sexo, camisinha e espiritismo kardecista. Nunca fora um homem muito religioso, do tipo que vê tudo sob o prisma da religião, mas fora espiritualizado — termo que preferia — o suficiente para educá-la de modo a valorizar as, dizia, “coisas do espírito”. Ela agora se perguntava se nos últimos minutos o pai havia tido alguma crise de fé. Não, não tinha, concluiu após pensar por um instante. Ele tinha uma serenidade digna de um monge tibetano quando deu seu último chiado. Sim, chiado. Não podia chamar aquilo de suspiro, de, aspas,

expirar. Aquilo fora claro e, como o pai gostava de dizer, claro puro e simplesmente.

Chiando, ele se fora. Ela ficara mais só do que nunca: o namorado, um pateta que não conseguia lhe dar o mínimo da atenção necessária para que se sentisse amada, ainda a visitava nos finais de semana — apesar de ela achar que era mais pelo sexo do que por qualquer outra coisa —, mas ele só servia para fazer com que ela se sentisse ainda mais só, ainda mais, digamos, *abandonada*. Era isso que ele fazia, não era? No sexo, só se preocupava com o próprio prazer, e após o gozo parecia criar alguma espécie de aversão a ela.

Compartilhava com ele, então, um tipo exótico de solidão: a solidão a dois que existe quando dois opostos resolvem se relacionar entre si. Duas pessoas que jamais poderiam compartilhar gostos em comum ou mesmo momentos de uma diversão que agradasse a ambos.

Para os quais falar gerava discussão e discordância, para os quais silenciar era o melhor 58

entendimento. O que a atraía nele afinal de contas? Beleza física, talvez, pois isso não se podia negar: o namorado era bonito, boa-praça, chamava atenção dos olhares piscatórios discretos das passantes com a mesma facilidade com que alguém que levasse adornando a cabeça um chapéu mexicano laranja-néon chamaria. Apesar disso, talvez, pensava ela, a beleza do mongoloide não fosse tão magnífica ao ponto de justificar sua entrega total e completa que só agora resolvia questionar. O pai morrera, este era, provável que fosse, o motivo principal dos pensamentos sorumbáticos que nos últimos dias haviam tomado conta dela. Pensava em suicídio, pensava no que o espiritismo kardecista doutrinava acerca dos suicidas e mudava de ideia. A vida, portanto, teve fases, para ela, em que não passou de uma aposta. *Se existe a possibilidade de ser como dizem que é, eu é que não vou arriscar a eternidade de minha alma.*

E assim não arriscava, voltava a ficar triste, pensar no pai, lembrar do quanto amava aquela barba que arranhava e espetava e cheirava a barba de pai, do sorriso amarelado por anos de fumo e café, do corpo envelhecido que tanto apanhara, mas permanecera em pé. Ah, como o amava e sentia sua falta e queria e, Deus, por que o Senhor levava seu paizinho tão paizinho tão...?

Ela se levantou, foi ao banheiro, pegou um lenço de papel e, com ele, assoou o nariz encatarrado. Depois ligou a torneira da pia, lavou e enxugou o rosto, e ficou a se encarar no espelho: olhos vermelhos, rosto inchado, boca frouxa — talvez sem força para fechar. Uma verdadeira máscara de agonia.

Ela sorriu.

59

— Acho que precisamos caminhar um pouco — falou para a imagem refletida no espelho.

Seu reflexo, caso falasse, provavelmente responderia algo como: “Você ficou maluca?

Já viu que horas são? Quer ser estuprada por algum maníaco insone?”, mas como não falava limitou-se a repetir seus gestos.

Ela prendeu os cabelos num rabo-de-cavalo, vestiu um suéter amarelo e colocou um casaco de flanela por cima. Pensou em colocar as luvas e o gorro, mas optou apenas por este último. Achava que o frio não estava tão grande a ponto de necessitar das luvas, mas por via das dúvidas as enfiou no bolso do casaco de flanela. Pensou em trocar de calça, mas achou que a jeans seria suficiente. Nos pés calçou uma bota de cano médio.

Vestida para o frio da noite — ela duvidaria da teoria do “maníaco insone”, pois achava que ninguém além dela teria coragem de sair de casa naquele frio àquela hora —, ela saiu de casa sem sequer se preocupar em fechar a porta de entrada. Caso fumasse, teria acendido um cigarro, mas como não fumava limitou-se a enfiar as mãos nos bolsos do casaco e caminhar sem rumo definido através da cerração.

Enquanto caminhava, olhava para o chão e, após se dar conta desse detalhe, lembrou de uma frase de Aristóteles que certa vez ouvira da boca do pai: — Quando alguém pensa no futuro, olha para o céu. Quando pensa no passado, olha para o chão — falou em voz alta e, instintivamente, olhou para o céu.

60

Apesar do frio, o céu estava límpido como se nuvens fossem coisas que só existissem em sua imaginação. Uma estrela cadente o rasgou no exato momento em que ela abria um sorriso ao lembrar-se de uma cena do Rei Leão onde Simba, Timão e Pumba conversavam sobre o que supostamente seriam “aquelas coisas brilhantes lá em cima”. *Por coincidência*, ela sorriu ainda mais, *Simba também havia perdido o pai e também se lembrava dele ao olhar para o céu.*

Sem que ela soubesse, uma estrela lhe sorriu de volta. Ela tornou a olhar para o chão, mas desta vez não havia tristeza e, ainda sorrindo, continuou a caminhar sem rumo através da cerração.

— Mudança de vida número um: acabar o namoro — falou, e sua voz soava estranha no meio

da madrugada — Mudança de vida número dois: pedir demissão da empresa. Mudança de vida número três...

Olhava para o chão, mas pensava no futuro.

61

Uma história de amor parada no tempo

Para ler ao som de *Girl*

GOSTO DE OBSERVÁ-LA QUANDO está mergulhada no trabalho de um novo livro. Absorta por sua criação, poucas são as vezes em que me percebe ali no canto: sentado em minha poltrona favorita, com um livro de capa dura aberto no colo e uma mão a acariciar os bigodes. Linda, ela escreve. Veste apenas uma camiseta minha, com nada por baixo além de uma confortável calcinha de algodão; os cabelos presos num coque, atravessados pela mesma caneta *Bic* com que rabisca os *post-it* amarelos que cola por toda parte.

Escreve compulsivamente, como se nada no universo fosse capaz de lhe interromper o fluxo, mas de repente para, acende um de seus cigarros mentolados, encolhe uma das pernas na cadeira — e nesse instante percebo que a calcinha é rosa, ou branca, ou bege —, e traga profundamente para então exalar a fumaça azulada, que dança em espirais e depois se extingue.

Ela observa a tela do processador de textos, coloca o cigarro para descansar no cinzeiro e, ainda sem retirar os olhos da tela, sua mão procura distraidamente a taça de vinho tinto (geralmente é café, mas ela bebe vinho quando está prestes a terminar o trabalho, uma espécie de ritual particular adotado desde o seu primeiro livro). Sei que a taça está vazia — ela deu o último gole há cerca de vinte minutos — e prevejo os movimentos seguintes: ela pega a taça, leva até os lábios, e percebendo que se encontra vazia, dá um sorrisinho decepcionado e a 62

recoloca em seu lugar. Pega novamente o cigarro e relê o que escreveu. Confere se está tudo como tem que estar, salva o arquivo, fecha o *laptop*, dá um último trago e, ao mesmo tempo em que solta a fumaça, comprime a piola no cinzeiro. Solta os cabelos, rabisca algo no bloquinho amarelo, destaca a folha e a cola no quadro de avisos que eu instalei diante de sua escrivaninha.

Depois vem até mim, uma expressão satisfeita no rosto sapeca, os bicos dos seios marcando a camisa.

Lembro de quando nos conhecemos. Estudantes — eu, de filosofia; ela, de história — ainda deslumbrados com as novidades do mundo acadêmico. Jovens cheios de energia à procura de alguma ideologia onde desperdiçá-la, potenciais filiados d’algum partido de esquerda.

— Ei, você aí.

Uma voz feminina meio rouca me chamava na saída da biblioteca central. Olhei para trás e vi uma garota baixinha carregando uma pilha de livros de capa dura.

— Você pode me ajudar a levar esses livros até o meu apartamento?

Não pensei duas vezes.

— Claro, claro.

Então peguei seus livros e percebi que a maioria deles era sobre niilismo.

— Você também estuda Filosofia?

63

Ela acendeu um cigarro, puxou uma mecha dos cabelos para trás da orelha e abriu um sorriso.

— História, mas preciso fazer um trabalho sobre Nietzsche. Você não quer me ajudar?

Eu estava atolado de trabalhos e cheio de leituras atrasadas, mas não titubeei.

— Claro. Você mora aqui perto?

— Dois quarteirões depois do *Biriba Tombstone Blues*.

— Ah, é perto.

E assim fomos para o seu apartamento. Seu nome era Eduarda, mas todo mundo a chamava de Duda. Havia saído de um estado vizinho para estudar História, mas seu sonho era ser escritora. Logo percebemos que tínhamos muita coisa em comum, a principal delas sendo o nosso amor pela Literatura. Nos dias que se seguiram, mandamos o trabalho sobre o niilismo às favas. Passávamos o dia inteiro trancados em seu apartamento, transando, conversando sobre qualquer bobagem que, com ela, ganhava uma importância fora do comum ou simplesmente ouvindo seus discos de *rock* em vinil.

— Eu sou completamente *vintage*, mô, ainda uso calça boca de sino e falo broto.

Eu estava completamente apaixonado por ela e, como qualquer apaixonado, cego ou indiferente aos seus defeitos. Nos isolamos do mundo. Na faculdade, passamos a utilizar a Teoria do Esforço Mínimo — sua criação — que consistia em se esforçar o suficiente apenas

para passar de período, de modo que poderíamos utilizar o resto de nosso tempo nos dedicando às coisas que realmente importavam. Para ganhar dinheiro, ela dava aulas como professora substituta em um cursinho pré-vestibular, e eu trabalhava num sebo próximo à universidade.

Depois de alguns meses me mudei para o seu apartamento e comecei a incentivá-la a escrever.

— Se é o seu sonho, não vejo motivo para você não se dedicar a ele.

— Sou muito insegura, mô. Além disso, chego em casa pilhada e não consigo pensar em nada. Quando chego, só quero fumar meu cigarrinho e ouvir minha musiquinha. Nada mais.

Insisti e disse-lhe que seguraria as pontas enquanto ela trabalhasse em seu livro. Com o tempo, acabei convencendo-a e ela pediu demissão. Assim começou meu calvário, eu chegava em casa tarde, cansado, e encontrava a casa na penumbra, ela sentada no chão e encostada na parede. Fumando — sempre fumando.

Eu jogava a mochila no sofá e me sentava ao lado dela.

— E então, como foi o dia?

Ela demorava a responder, permanecia fumando em silêncio e, só depois que eu começava a perder as esperanças de que fosse falar alguma coisa, ela respondia:

— Nem uma maldita palavra. Nada. Absolutamente nada. Zero. Branco total.

— Tente não forçar, vai acontecer naturalmente.

E assim passaram-se os dias, os meses. Com o tempo, deixei de perguntar se ela havia escrito alguma coisa. Não queria pressioná-la, entendia que, no momento certo, não importava o quanto demorasse, ela me apareceria com alguma novidade. Observando-a, percebi que se tornava cada vez mais triste, que vivia deprimida pelo apartamento, fungando aqui e ali, o banho demorando muito além do necessário.

Fazia meses que não transávamos. Ela parecia ter perdido o interesse no sexo. Eu não me importava.

Um dia cheguei em casa e a peguei digitando na máquina de escrever IBM. Não a cumprimentei para não interrompê-la, apenas me dirigi para o banheiro, tomei um banho, esquentei qualquer coisa pra comer e me joguei na cama. Estava feliz. Pela primeira vez parecia que toda aquela luta estava finalmente valendo a pena.

Nos dias que se seguiram a esse, ela passou a ficar cada vez mais ausente, ensimesmada, falando sozinha pelos cantos, murmurando palavras inaudíveis, mas sempre voltava à máquina e começava a digitar loucamente. Quando chegava do trabalho, geralmente a encontrava na máquina — blusa folgada e calcinha —, ao lado da qual repousava um cinzeiro transbordando de cinzas e bitucas, e uma garrafa térmica cheia de café. Eu sempre limpava seu cinzeiro, reabastecia seu estoque de cigarros mentolados, preparava mais café. Ela parecia não se dar conta de minha presença, mas não precisava. Vê-la escrevendo me deixava feliz.

66

Aos poucos, o pequeno volume de folhas A4 que ela guardava na gaveta da escrivaninha foi crescendo e percebi que, a não ser que ela estivesse escrevendo A Bíblia Sagrada, logo terminaria seu livro.

— Mô, cê pode trazer uma garrafa de vinho hoje? — falou alguns dias depois enquanto eu fazia a barba na pia do banheiro. Olhei pelo espelho e a vi atrás de mim, vestindo a mesma roupa com que trabalhara o dia anterior, e percebi que tufo de pelos negros e enroladinhos saíam através de suas virilhas. Fiquei excitado com aquela imagem, pensei que se respirasse fundo ali naquele instante poderia sentir o cheiro de seu sexo sujo e aquilo me deixou excitado.

— Claro, mô. Tinto?

Ela assentiu e se retirou para a escrivaninha.

Quando voltei do trabalho, tinha bons pressentimentos. Não apenas trouxera duas garrafas do vinho tinto mais promissor que encontrei, como também havia comprado queijo e azeitona pra mim, e chocolate pra ela.

Ao chegar, percebi que ela não se encontrava na escrivaninha como de costume, mas no banheiro e, a julgar pelo barulho, tomava banho. Abri discretamente a gaveta da escrivaninha, peguei o calhamaço de folhas e folhee até a última página onde vi a palavra FIM escrita em caixa alta, constatando assim algo que eu já imaginava: ela finalmente concluíra o seu primeiro livro!

67

Emocionado e com o coração a mil, recoloquei tudo no lugar, coloquei algumas baladinhas para tocar baixinho e fui para a cozinha onde guardei o vinho na geladeira e comecei a cortar pequenos pedaços quadrados de queijo numa vasilha onde, posteriormente, acrescentei a azeitona.

Ela chegou na cozinha enrolada numa toalha, ainda molhada, pegou uma azeitona com a mão e a enfiou na boca.

— Hum! Adoro azeitona!

Eu beijei sua testa, ela beliscou minha bunda e, rindo, perguntou: — Trouxe o vinho?

— Claro — falei — Duas garrafas. Tão na geladeira.

Ela aplaudiu animada — quanto tempo fazia que eu não a via sorrir daquele jeito? — e disse:

— Vá tomar banho enquanto eu troco de roupa. Hoje eu tenho uma surpresa para você.

Tomei um banho demorado, e apesar de ter passado o dia inteiro trabalhando mais do que em qualquer outro, não me sentia nem um pouco cansado. Após o banho, vesti uma cueca e o roupão por cima, mas ao chegar na cozinha a encontrei deslumbrante, usando um vestido

vintage branco de bolinhas vermelhas e com o rosto maquiado como já fazia anos que eu não via. Ela abriu um sorriso.

— Não senhor! Vá se vestir adequadamente para a ocasião que hoje é uma noite especial!

E assim voltei para o quarto, onde vesti a melhor roupa que encontrei — um terno azul

marinho que só utilizara uma vez na vida com uma gravata vinho —, penteei os cabelos, coloquei perfume e voltei para a cozinha. Me sentia terrivelmente tímido vestindo aquele terno, mas naquela noite seria capaz de fazer qualquer coisa por ela, inclusive usar terno e gravata para passar uma noite sem sair de casa.

Cheguei devagar e a encontrei sentada de costas para a entrada da cozinha, acompanhando baixinho a balada que tocava despreocupada em vinil. Ela havia preparado a mesa. Por trás, pus as mãos em seus ombros e a acariciei, depois me curvei e beijei-lhe a testa.

Ela permaneceu cantando, mas colocou sua mão sobre a minha e a acariciou.

— Mô, eu tô tão feliz!

— Isso é ótimo, mô.

Sentei, tirei a rolha da garrafa e enchi nossas taças até a metade.

— Um brinde?

Ela sorriu, assentiu e disse:

69

— Ao meu primeiro livro.

Fiz cara de surpreso.

— Sério?!

Ela assentiu animada.

— Que maravilha, mô, que maravilha!

Me levantei e a abracei e a enchi de beijos.

— Estou tão feliz, mô!

— Eu também, querida, eu também.

Brindamos ao seu primeiro livro e, enquanto comíamos e bebíamos, conversamos sobre a obra. Ela não quis adiantar muita coisa, mas confessou que estava louca para saber minha opinião. Eu seria a primeira pessoa a ler o primeiro livro que ela havia escrito em toda a sua vida e ela não teria paz enquanto eu não terminasse a leitura e lhe dissesse, sinceramente, quais haviam sido minhas impressões. Prometi que leria ainda aquela noite.

Quando já estávamos um pouquinho altos por causa do vinho, ela ficou de pé e me chamou para dançar. Dançamos ali mesmo, na cozinha, coladinhos — ela descansando a cabeça em meu peito e cantarolando a música, baixinho; eu cheirando seus cabelos e roçando meu rosto em sua cabeça. Depois de algum tempo, comecei a ter uma ereção e pressionei o seu corpo contra o meu para que ela também a sentisse. Ela me olhou com um rostinho sapeca.

70

— Mô.

— Oi?

— Me fode.

Eu a encarei com um sorrisinho no canto dos lábios.

— Me leva para o quarto e me fode como você nunca fodeu em toda a sua vida. Me fode como se não houvesse amanhã.

Sem dizer mais nada, eu a ergui nos braços e a levei até a cama onde retirei delicadamente sua roupa, peça por peça, enquanto a beijava. Seu corpo estava imaculado e era como se eu o visse pela primeira vez. Ela havia se depilado por completo — o que me causou certa decepção, ao lembrar de como estava pela manhã, e certo orgulho por saber que todo aquele cuidado era para mim — e eu passei a beijar todo o seu corpo, a começar pelos pés.

Transamos como dois demônios em vias de extinção. Ela parecia enlouquecida de tanta vontade, como se todo aquele tempo em que não fizéramos sexo houvesse funcionado como uma espécie de catalisador para aquele momento, e eu me esforcei ao máximo para retribuí-la à altura.

Gozamos várias vezes e quase desmaíamos de exaustão. Após terminar, ficamos deitados em silêncio, suados e ofegantes.

— Nossa, que saudade. Que saudade! — murmurou ela de olhos fechados.

71

Coloquei meu braço em torno dela e a aproximei de mim.

— Eu te amo — falei.

— Também te amo, broto, e como amo!

Sorri ao ouvir a palavra broto. Fazia tempo que ela não me chamava assim.

Já era madrugada quando tomamos um banho demorado, preparamos um café forte, e ela pegou original de seu livro. Após me fazer prometer que seria totalmente sincero sobre a leitura, ela me passou e, com ele, uma caneta vermelha.

— Pra fazer comentários, sugestões e esse tipo de coisa.

Assenti e me sentei na cadeira diante da escrivaninha, a mesma em que ela trabalhara durante todos aqueles meses. Ela se afastou, deitou no sofá e ficou de lá me olhando, fumando seu cigarro e observando, talvez, a forma como eu reagia à leitura. Fui lendo e, na medida em que lia, ia colocando as páginas viradas com todo o cuidado para não desordená-las. Era a história de uma garota que havia sido assediada sexualmente pelo próprio pai quando ainda era uma criança. O pai, um canalha casado pela segunda vez e com tendências ao alcoolismo, tinha o costume de colocá-la, filha do primeiro casamento, em seu colo para “brincar” e se aproveitava daquelas ocasiões para enfiar os dedos e apalpar o que não devia. Era revoltantemente realista e escrito com uma riqueza de detalhes que me levou várias vezes a 72

interromper a leitura e me virar para ela em silêncio — a pergunta que se formulava em minha cabeça, mas que eu não queria fazer, quase saltando dos meus lábios em direção aos ouvidos dela.

A protagonista crescia traumatizada com todos aqueles assédios e passava a ter sérios problemas para se relacionar com homens. Achava o sexo uma coisa nojenta e não conseguia manter um namoro real, apesar de se apaixonar platonicamente com uma frequência quase mensal. Ao final, e após uma série de relacionamentos frustrados, tentativas de suicídio e crises de depressão, a garota finalmente resolvia se encontrar com o pai, precocemente envelhecido por causa da bebida, e falar abertamente com ele sobre tudo o que havia acontecido e sobre como ela se sentia a respeito. Era um final emocionante e, ao virar a última página, uma lágrima caiu sobre a escrivaninha.

Já era manhã. Acendi um cigarro — eu raramente fumava —, me virei para ela e fiquei fumando em silêncio. Foi ela quem falou primeiro.

— E então, posso começar a correr atrás de uma editora ou melhor parar por aqui?

Terminei meu cigarro.

— Acho que você está pronta. Eu não tenho nada a dizer sobre o livro, mô, ainda estou um pouco, é, chocada com ele.

— Isso é bom?

73

— Deve ser.

Não fui trabalhar. Passamos a manhã dormindo e à tarde começamos a revisar os pequenos detalhes de seu original — um erro de digitação aqui, uma palavra que precisava ser substituída ali, o tipo de coisa que os computadores facilitaram bastante, mas que naquela época dava um trabalho dos diabos.

Já era tarde da noite quando decidimos parar, havíamos revisado todo o original e começáramos a datilográ-lo novamente — revezando quando um de nós se cansava — à máquina.

— Meus tendões nunca mais serão os mesmos depois disso — falei enquanto puxava mais uma folha digitada da máquina.

— Os meus já não são os mesmos há semanas. Venha, vamos tomar um banho e deitar, amanhã continuamos.

A manhã seguinte seria um domingo, dia de folga, e combinamos que na segunda eu voltaria ao trabalho normalmente e ela passaria a semana se dedicando a enviar o original para as editoras que tivessem uma linha editorial simpática ao tipo de livro que ela escrevera.

Assim fizemos e, quando já estávamos de volta à normalidade de nossa vida — eu voltara a trabalhar normalmente, justificando a minha ausência do sábado apenas com um “estava com conjuntivite” e ela voltara a tomar conta da casa enquanto não surgia uma nova ideia sobre a qual escrever.

74

— Me sinto tão esgotada, mô, tão vazia! — disse certa vez enquanto dividíamos um cigarro na cama — A gente se sente meio vazia depois que termina de escrever um livro.

— Acho que é normal, mô, depois de um tempo você vai acabar tendo novas ideias.

Ela ficou fumando sem dizer nada, depois espremeu o cigarro no cinzeiro da mesa de cabeceira, soltou a fumaça e disse:

— Acho que vou voltar a trabalhar.

Eu fui contra, queria que ela escrevesse, mas não consegui dissuadi-la. Falou-me que, caso surgisse uma ideia para um novo livro ela seria a primeira a pedir demissão, mas no momento precisava ocupar a cabeça com outras coisas ou acabaria cometendo uma chacina.

Os meses passaram e com o trabalho começamos a planejar a mudança para um apartamento maior ou o financiamento de uma casa (ainda não havíamos decidido) e já não tínhamos a menor esperança de alguma das editoras para as quais ela enviara o original responder com um “sim, iremos publicá-lo” quando recebemos o telefonema.

Era uma manhã de terça-feira. Segundo me contou mais tarde, ela saiu do banho molhada para atender o telefone, pronta para xingar o filho da puta que a interrompera, quando ouviu do outro lado uma voz educada de mulher.

— Bom dia. Eu gostaria de falar com a senhora Maria Eduarda Gaspari.

Duda ficou em silêncio, prendeu a respiração e disse cuidadosamente: 75

— É ela...

A outra voz falou que telefonava do departamento editorial de uma das editoras para as quais ela havia enviado o original e que eles estavam dispostos a publicar seu livro, discutir um contrato e esse tipo de coisa. Ela quase gritou de tanta alegria ali mesmo, mas se conteve até o fim da ligação. Quando cheguei do trabalho, a encontrei usando o mesmo vestido *vintage* que utilizara naquela noite em que terminara o livro.

Fora o princípio de uma carreira literária que só fez ascender, mas também foi o princípio de inúmeras crises conjugais que apenas por amor é que fomos capazes de superar.

Seu processo criativo sempre fora problemático, doloroso, doentio. Quando imersa no trabalho de algum novo livro, dependendo da fase em que se encontrava, passava semanas inteiras sem tomar banho, dormindo muito pouco, com os pelos do púbis e das axilas crescidos ao ponto de me causar mal estar, ausente, ensimesmada, como se nada que lhe fosse externo existisse ou tivesse alguma importância. Falava sozinha pela casa, não queria saber de sexo e pouco se lixava se eu resolvía sair com os poucos amigos que tinha, se chegava em casa caindo de bêbado ou se procurava outra a quem me entregar.

No auge da crise, fui obrigado a ceder. Cedi por amor, por amar demais aquela criaturinha esquisita e adorável com quem estava há tantos anos e por quem sempre me reapaixonava quando da finalização de um novo livro e a fase que se seguia a ela. Com o tempo, acostumei — ou aceitei — e passamos a viver numa tranquilidade monástica, cada um respeitando o espaço do qual o outro precisava para poder continuar tocando sua vida.

Assim seguimos, assim passaram-se os anos. Não tivemos filhos nem casamos de papel passado. Eu segui com minha vida acadêmica — era professor — e ela seguiu com sua carreira literária cada vez mais estável, asseguradora de uma imortalidade pela qual, pelo que podia perceber, ela estava disposta a morrer.

Eu me tornei conhecedor de todas as vírgulas de seu processo criativo. Seria até mesmo capaz de dizer o dia e a hora exata em que concluiria seu novo livro.

Naquela noite, quando fechou o *laptop* e veio em minha direção, eu sabia que ela havia terminado o livro, que rabiscara um “boa leitura, broto” no *post-it* amarelo que colara no quadro de avisos, que vinha até minha poltrona com um único objetivo.

— Terminou o livro? — perguntei, retirando os pés do pufe e colocando o livro de capa dura sobre a mesinha ao lado, onde também repousava um cinzeiro artesanal, lembrança de Porto de Galinhas – PE.

Ela subiu na poltrona e sentou-se em meu colo, de frente para mim. Seu corpo fedia um pouco, mas não me importei e dei-lhe um beijo na boca. Podia sentir sua calcinha, os pelos por trás do algodão roçando em meu pau, e comecei a ter uma ereção. Ela sorriu sapeca.

— Terminei, mô, acho que este é o meu melhor livro.

Dei-lhe outro beijo, seu hálito cheirava a uma mistura esquisita de vinho, café e cigarro mentol-adocicado.

— Isso é ótimo, querida, você vem se superando a cada livro.

Nos beijamos demoradamente, depois ela retirou meu roupão, eu retirei sua blusa — mas não retirei a calcinha, apenas a afastei para o lado — e fodemos ali mesmo, ela por cima, rebolando e gingando, imunda, com seu caldo espumando e vertendo sobre o meu pênis enquanto eu lhe beijava os seios, mordida os lábios e lambia a pele salgada e suja.

Depois gozamos, tomamos um longo banho juntos e assim reiniciamos o ciclo começado tantos anos antes, nos tempos de faculdade.

A bailarina de vidro

Para ler ao som de *Free as a Bird*

CRISTAL HAVIA NASCIDO COM UMA DOENÇA rara e para a qual ainda não se buscava uma cura. De tão incomum que era, a moléstia pouco incomodava aos doutores de farmácia, portanto lhe seria de muitíssimo mau gosto nutrir alguma esperança em relação à possibilidade desses ilustres alquimistas lhe apresentarem uma cura.

Sua mãe havia explicado desde cedo que ela não era uma garota comum. Nascera com o esqueleto de vidro, dissera-lhe, e jamais poderia ser como as outras crianças.

— Vidro, querida, vidro. Todo o seu esqueleto é feito de vidro. Não é como o nosso, de osso, não. É vidro. Não é uma doença comum. Ainda não se sabe as causas. Só se sabe o que isso implica, querida. Isso implica que devemos tomar todo o cuidado com você. Uma simples queda seria fatal. Uma simples queda seria...

— Tatal — completara, sentada em sua cadeirinha de água com proteção para que não caísse.

Sua mãe, uma mulher a qual não se podia negar a sensibilidade, deu-lhe um beijo na testa enquanto lutava para não deixar que lágrimas lhe banhassem as faces. Isso, porém, ocorrera há doze anos, quando Cristal era criança e sequer os dentes espelhados lhe haviam 79

nascido. Agora, no apogeu de sua adolescência e após quinze anos de privações diversas, ela começava a alimentar o sonho de se tornar bailarina. Não foi por acaso. Cristal passava boa parte do dia assistindo TV, deitada em sua cama de água, e um belo dia viu a apresentação do balé russo. Encantou-se, quis fazer igual.

Eram lindas, não eram? As bailarinas eram como fadas, lindas criaturas mágicas, que dançavam e giravam e giravam e giravam até! Nossa, como elas não ficavam tontas? Se

moviam com suavidade, pareciam flutuar, seus corpos pareciam desafiar a lei da gravidade!

— Manhê! — gritou e, logo, sua mãe adentrava o quarto apressada.

— Chamou, querida?

— Veja, mãe, elas flutuam!

E ambas ficaram ali, paralisadas diante das bailarinas saltitantes da TV. Cristal com os olhos cheios de lágrimas cristalinas; sua mãe, de lágrimas cristalizadas. Eram muitas as bailarinas: rosa bebê, azul bebê, branco algodão. Pulavam, rodopiavam, eram levadas seguras pelas fortes mãos dos bailarinos vestidos de negro, para então rodopiarem, pulularem, mais uma vez. Luzes, neve artificial, música, êxtase.

— Mãe — disse Cristal, a voz embargada —, eu quero ser bailarina!

Sua mãe sentou-se no colchão de água, não se importando em molhar a roupa, e acariciou os cabelos prateados de Cristal.

80

— Querida — disse, tomando cuidado para não se cortar com as fibras de vidro que eram os cabelos da filha —, você sabe que não pode fazer isso.

— Mas mãe! — protestou — Eu quero ser bailarina! Quero voar e rodopiar como elas!

Veja como são lindas, veja!

Cristal sorriu mostrando os dentes. Eram lindos dentes espelhados que, agora, refletiam o rosto tristonho da mãe. Ela respirou fundo, repetiu o discurso de sempre enquanto a filha acompanhava mentalmente cada palavra:

— Vidro, querida, vidro. Todo o seu esqueleto é feito de vidro. Não é como o nosso, de osso, não. É vidro. Não é uma doença comum. Ainda não se sabe as causas. Só se sabe o que isso implica, querida. Isso implica que devemos tomar todo o cuidado com você. Uma simples queda seria fatal. Uma simples queda seria...

— Fatal — completou Cristal por impulso — Mesmo assim, mãe, eu não me importo mais. Toda a minha vida foi vivida de modo a me manter incólume fisicamente, mas a verdade é que espiritualmente, já hoje, estou em cacos. Não posso continuar assim. Quero ser bailarina.

A mãe nada disse, apenas beijou a testa da filha e se levantou, a saia molhada.

— Vou falar com seu pai, querida. Vamos ver o que podemos fazer.

Retirou-se e, no dia seguinte, Cristal acordou com um pequeno embrulho de água ao lado da cama. Curiosa, desembulhou o pacote de água para presentes e deu de cara, muito 81

surpresa, com um pequeno par de sapatilhas de água para balé. Lindas sapatilhas incolores, inodoras e sensaboros. Cristal levantou de sua cama de água e calçou as sapatilhas.

— Que lindas! — murmurou encantada — Elas brilham como se fossem de cristal!

— Elas são, querida, elas são de Cristal. São suas.

A mãe entrou no quarto e lhe deu um abraço.

— Quando tinha a sua idade — disse — Também sonhava em ser bailarina. Não sou de vidro e nada havia que me impedisse, mas não sei por que desisti. Vendo-a assim, querida, tão frágil e tão determinada, percebo o quanto fui tola em não ter me dedicado a um sonho que, na época, era tudo o que eu tinha.

— Obrigada, mamãe.

— Também comprei uma roupa — acrescentou —, mas não a comprei de água. Seria uma indiscrição.

Nos dias seguintes, Cristal e sua mãe procuraram uma professora de balé por toda a cidade, mas nenhuma quis se arriscar a dar aulas a uma garota de vidro. Era muito perigoso, diziam, e nenhuma delas iria querer ser responsabilizada por qualquer fatalidade que viesse acontecer com a pobre garota.

— Vidro, queridas, vidro — diziam — Uma simples queda seria fatal. Uma tragédia!

82

E tristonhas voltavam pra casa. A mãe chorando por fora, Cristal chorando por dentro.

Era de se compreender que as pessoas não a aceitassem, pensava Cristal, e não as culpava por isso.

— Nós vamos achar alguém, querida, não se preocupe — dizia a mãe todas as vezes que levavam um não.

Cristal, porém, em seu íntimo já desistira de cultivar esperanças. Compreendia que sua condição especial transformava o simples sonho de ser bailarina num sonho impossível, e

todas as noites, deitada em sua cama de água enquanto esperava o sono chegar, expulsava todas as lágrimas acumuladas durante o dia. Numa dessas noites, sonhou que era uma ave, voava livre através dos horizontes dos outros horizontes, desafiava a gravidade, girava, rodopiava e voava e.

Acordou sobressaltada, esquecendo por um momento quem era, mergulhada no eterno dilema do sábio chinês. Após recuperar-se do sonho, contudo, um ideia passou a lhe cutucar a mente. Assim, viu que era cedo e que ninguém estava acordado, vestiu sua roupa de bailarina, calçou as sapatilhas de água, se maquiou e perfumou, e escreveu um pequeno bilhete que teve o cuidado de deixar em cima da mesa de cabeceira. Dizia: *Querida mamãe, obrigada por tudo. Não pude continuar com essa vidra. Sou uma garota infeliz e preciso realizar um sonho. Só ele faz com que todo o resto tenha* 83

um sentido. Fui embora, fui ser bailarina, rodopiar e pular. Não fique triste. Eu amo a senhora.

Mais uma vez, obrigada por tudo.

Sua filha.

Cristal

PS. Avise ao papai que também o amo, apesar de nunca tê-lo visto. Entendo que seja muito difícil para ele ter uma filha de vidro e não tenho raiva disso, viu?

E assim, Cristal saiu de casa, linda em suas vestes de bailarina, os cabelos prateados presos num coque por uma fita de água.

Ela caminhou através da cidade dorminhoca e foi até o antigo teatro abandonado.

Lembrava muito bem da primeira vez que o vira. Estavam numa das suas investidas, ela e a mãe, à procura duma professora de balé que se dispusesse a aceitá-la entre suas alunas, quando viram o prédio abandonado, ainda imponente apesar das condições em que se encontrava. Leu o nome na fachada: Teatro Princesa Sophia.

— O que aconteceu com esse teatro, mãe?

— Um incêndio há muito tempo atrás, querida — disse — em meio à apresentação da Paixão de Cristo. Um cuspidor de fogo cuspiu na direção errada e a cortina, bem, eles não usavam extintores naquela época.

Cristal ficara encantada com o teatro, imaginava como ele deveria ter sido grandioso em seus dias de atividade e, lá chegando, não teve nenhuma dificuldade para entrar. Desviou-se cuidadosamente do lixo que foi encontrando pelo caminho — latas vazias de cerveja, *bongs* de papel alumínio para fumar *crack*, camisinhas e seringas usadas — e se dirigiu até o palco, onde se curvou ao público imaginário e começou a dançar. A princípio tímida, logo estava girando com a graça e desenvoltura das russas que vira na TV. Em sua imaginação, o teatro voltava à vida. Perdia o enegrecido das cinzas e voltava a ganhar o vermelho dos estofados de veludo, o marrom do revestimento de madeira, as luzes douradas dos holofotes. A plateia estava lotada, os espectadores prendiam a respiração diante da performance da bailarina para, em arrebatamento, irromper em aplausos que não mais conseguiam se conter. Uma tempestade de aplausos para a bailarina rodopiante que rodopiava e rodopiava e.

Cristal mergulhou em direção à plateia, os olhos cerrados, a tranquilidade de um Buda, e explodiu em milhões de pedacinhos cristalinos, vidros coloridos voando por toda a parte.

Sentada na última cadeira, Cristina, emocionada, não cessava de aplaudir. Aquela fora a apresentação mais bela que já tivera a honra de assistir. A filha, sem dúvidas, havia saído à mãe.

85

A outra

Para ler ao som de *Here, There and Everywhere*

DEVERIA TER MENTIDO POR AMOR, mas disse a verdade e seu (ex?) amor agora chorava.

Em seus olhos, só distinguiu tristeza: um olhar introspectivo, emoldurado por bochechas inchadas e lábios contraídos de modo a lhe esticarem a pele que cobre o queixo. Procurou naqueles olhos algum vestígio do amor de algumas horas atrás, porém mais uma vez só distinguiu tristeza.

Aquela expressão era para ele um açoite. Queria abraçá-la, acolher sua magreza com um abraço de urso; acariciar seus cabelos com as mãos trêmulas da falta de café e desdizer tudo o que havia dito. Mas pensou novamente e se conteve, não, não podia ceder. Deixar-se carregar por tal impulso seria contrariar tudo o que acreditava. E no que acreditava? Não saberia dizer,

pelo menos não de forma definitiva, mas se fosse realmente necessário expor a natureza de suas crenças, ele se sentiria obrigado a dizer que, para ele, mais valia a verdade. Acima de qualquer coisa, a verdade. Mais que tudo, a verdade. Sobretudo, a verdade. A verdade. A verdade nada mais que a verdade. Como nos tribunais.

Pensou na outra — em seus pensamentos, havia substituído seu nome real pela expressão ‘a outra’, pois fora assim que ela entrara em sua vida, como a outra. Pensou nas mãos magras de dedos frágeis, as mais belas mãos que já havia acariciado; pensou no sorriso metálico 86

de ninfeta, o sorriso devasso que coroava o olhar de cúmplice. Lembrar do riso lhe fez sorrir, e sorrir lhe deu vontade de chorar.

“Eu te amo, eu-te-amo, euteamo”.

A voz dela, que trazia todo o desespero do impotente, soava distante — como se tivesse acontecendo em outra dimensão —, era uma espécie de aviso tardio e lhe era indiferente. O coração — dele — estava partido apenas por tê-la magoado. O dela estava em pó, mas ainda queria lutar.

“Por-favor-eu-te-amo-euteamo-eu”.

Ele não ouvia. Ouvia a voz aguda da outra, a voz que dizia ai e mordida ai e ofegava ai.

A voz que pedia mais. A voz que gemia ai, ai, ai.

Envergonhado, percebeu que estava com um princípio de ereção. Olhou para ela, ela que ainda era a sua, mas que era outra. Não A outra, apenas outra.

— Eu não quero vê-la sofrer — falou por fim.

— Não fale isso! — choragritou, o choro sujo de sal(iva) e poeira. Esganiçado de cãochoeira. Choradeira de água do mar — Não fale isso, porra!

Onde estava aquela mulher por quem se apaixonara alguns anos antes? Aquela que jamais descia do salto, que jamais deixava borrar a maquiagem escura no rosto pálido, orgulhosa e ciente de sua beleza, batizada em autoestima. Não era aquela que tinha diante de 87

si, aquela que tinha diante de si era uma mulher suja, fraca, feia, aguada. Uma mulher que se humilhava por um amor que acabou, mas que amava, ah, como amava!

Ele, todo observador, guardava os detalhes daquela situação para registrar em diário, talvez fazer poesia, pintar uma tela. Maldizia-se em segredo por não conseguir ser simpático à dor da ex-quase-futura-esposa. Enquanto ela chorava, ele compunha um poema: *Dos lábios carmesins*

Moldura

Armadura do riso marfim

Desejos de mim

Tortura

Ditadura do siso-butim

Talvez. Só talvez. Conseguia perceber o sentido naquilo tudo, mas provável era que precisava de mais — Uma estrofe? Um verso? Odiava-se. Odiava todo aquele egoísmo, toda aquela introspecção. Como podia se sentir daquela forma? Amava — sim, amava —, mas não queria estar com ela, não mais. Queria a outra. A outra que não amava, mas que queria mais que queria. Por que era tão egoísta? Por que o mundo inteiro lhe parecia uma espécie de defeito a ser consertado? Ele achava, tinha certeza, que se a filha — caso a tivesse — estivesse a 88

definhar lentamente por causa d'alguma doença terminal, ele simplesmente acompanharia sua ruína como um observador e, em segredo, faria versos.

(Per)versos.

— Por favor, amor, eu pensei que você me amasse. Pensei que ficaríamos juntos para sempre e que nos amaríamos mais que todos os outros. Que teríamos seis filhos em escadinha e casa no campo e churrasco nos finais de semana com a família inteira em volta da piscina e um cachorro e um gato e um papagaio e qualquer maldita coisa que tornasse a nossa vida juntos uma coisa única e só nossa e tão nossa e.

E ela chorava. E seu choro esvaía-se antes de alcançar o torvelinho dos pensamentos dele. Ela chorava, ele fazia versos. Ela lamentava o futuro que não teriam juntos, ele fazia versos. Ela gritava e declarava seu amor, ele fazia versos. Ela dizia que o perdoava, e ele continuava a fazer versos.

Era apenas um caso, dizia ela, e iria passar. Se não tivesse contado, dizia ela, certamente iriam superar. Pedia por favor não vá. Chorava por favor te amo. Isso não passa de engano, você esqueceu nossos planos?!

Por que para ele tudo soava a ritmo e rima? Queria a graça dos versos brancos, verdade, mas nem tanto. Talvez de vez em quando, pensava, para sair da rotina.

E falar em rotina lembrava a outra, tão outra que se estragava no exemplo perfeito de ser outra: ninfoninfeta maníaca e insaciável pouco afeita ao ciúme e à cobrança que se espera 89

de quem quer só para si quem quer a qualquer custo. Ela, a outra, que o roubava da rotina e de seu sexo o fazia escravo não passava de um vício ao qual se recusava deixar. Queria mais, queria overdose da outra, queria nadar na outra, se afogar na outra.

Percebeu então o silêncio. Havia uma pergunta no ar. Não sabia qual era, pensou em pedir para que repetisse, mudou de ideia. Resolveu arriscar: — Acho que não.

Ela permaneceu em silêncio, mas ele viu que uma lágrima que vacilava trêmula em sua pálpebra deu um pulo suicida em direção ao abismo de suas bochechas inchadas.

— Então você não tem certeza de seu amor?

Então ela havia perguntado se ele ainda a amava, claro.

— Do meu amor tenho a certeza, mas não vou deixar a outra.

— Então não é amor.

— Não o que sinto pela outra.

— E por que não a deixa?

— Por que não quero. Quero amar você, mas quero ter a outra. Gosto de estar nos braços da outra, ter a outra em meus braços.

90

Mais uma vez o silêncio. Mais uma vez a voz que tentava arrancar força d'algum lugar indefinido:

— Você não me ama.

— Amo.

— Como?

— Do meu jeito, mas amo.

— Como pode ser assim, meu Deus, como?!

— Eu doaria medula para você, mas não doaria para a outra.

E assim encerrou aquela etapa da conversa. Encerrou, pois ela mergulhara num silêncio que parecia sem volta. Ele permaneceu a observá-la, compondo versos sobre como uma garota traída se sentia ao ouvir do próprio noivo a confissão de que traíra. Que encontrara alguém com quem preferia estar.

Ela, afogada no silêncio não de quem não tem o que dizer, mas de quem não sabe o que pensar, apenas chorava.

E ele continuava a compor versos.

91

Cavalo de Troia

Para ler ao som de *Here comes the sun*

HELENA, DESDE QUE COMEÇOU A MORAR SOZINHA, só tomava banho ou dormia com a televisão ligada. Não sabia como aquela mania havia começado, mas desconfiava que o motivo principal era o fato de não estar acostumada a viver em um ambiente irritantemente silencioso. Fora criada em uma casa que, apesar de não ser muito grande, estava constantemente cheia de irmãos, primos e vizinhos, portanto não aprendera a conviver muito bem com a ausência total de barulho.

No primeiro dia de sua nova vida, passou o dia inteiro assustada e, à noite, o silêncio era tão incômodo que sequer conseguiu dormir. Decidiu, naquela mesma noite, que no dia seguinte compraria um gato e, ao se encontrar diante de um *pet shop* chique da zona nobre da cidade, optou por um filhote de gato persa que deu o nome de Paris. Gostava de brincar com a ideia de que ela, Helena, vivia a cuidar de um gato lindo chamado Paris. Admirava tanto esta pequena prova de criatividade (ou falta dela, a depender do ponto de vista) que muitas vezes se pegava pensando no quanto seria legal se tivesse amigos que pudessem perceber a relação entre o seu nome e o nome do seu gato. Ela, porém, não os tinha e o motivo era bem simples: nunca fora uma pessoa muito extrovertida, dessas que faz amizades com facilidade e vive rodeada de 92

amigos, saindo pra balada nos finais de semana ou mesmo se encontrando para um drinque na *happy hour*, um cineminha de leve.

Muito contrário ao que gostaria que fosse, ela era uma garota absurdamente tímida e sempre que se via na iminência de conversar com algum garoto — o que era muito raro, mas acontecia — ficava em vias de enfartar ali mesmo, diante dele. Não enfartava: suava, tremia, gaguejava, falava bobagem e eles perdiam o interesse com a rapidez de um fugitivo. De boca calada, pensava, talvez parecesse bem mais interessante do que realmente era.

Chegou em casa por volta das 19h00 com uma sacola cheia de DVDs, que colocou sobre a mesa da cozinha. Foi para o quarto, jogou as luvas e o gorro em cima da cama, retirou os sapatos e calçou as pantufas do Garfield. Procurou Paris com os olhos e sorriu ao ver que ele dormia em sua cama completamente indiferente à sua chegada.

— Totoso! — falou e, mantendo o sorriso, preparou uma xícara enorme de chocolate quente, jogou algumas rosquinhas de leite num prato, colocou o DVD e sentou-se no sofá com as pernas apoiadas no pufe.

O filme que escolheu era uma comédia romântica com o Hugh Grant — *aquele fofo!* — no papel de um charlatão incapaz de se apaixonar que se valia de todo o seu charme para se aproveitar de mulheres ricas e solteiras até o dia em que se apaixonava por uma e passava por todo um processo de remissão dos pecados. A mensagem final do filme era bastante clara: só o amor importa, só o amor salva, tudo o que você precisa é amor.

Quando o filme acabou, lágrimas secavam em seu rosto. Paris veio ronronando como quem não quer nada — mas querendo tudo —, pulou em seu colo, amaciou-o com as patinhas como se ela fosse uma almofada e se enroscou por ali. Ela enfiou a mão atrás das orelhas do gato sem se dar conta e ficou ali, acariciando-o pensativa.

Sentia-se triste e achava que o frio daquela noite só piorava as coisas — sempre associara o frio à tristeza e agora fazia o quê, sete graus abaixo de zero? Podia até ser, a previsão anunciara, mas em sua opinião parecia bem menos que isso (e talvez, neste caso, a sensação de frio aumentasse com a tristeza, por que não?) — ou talvez fosse apenas efeito do filme.

— Se isso é uma comédia — murmurou —, não é nada engraçada.

Comédia romântica — era o que dizia a capa —, mas na verdade era um romance sobre o poder transformador do amor: o amor é capaz de transformar até mesmo o pior dos canalhas num *gentleman* bobalhão capaz de fazer qualquer coisa para conquistar a mulher amada.

Em outras palavras: o amor doma feras.

E foi por amor — ela olhou para o gato — que a guerra de Troia começara, não foi?

Não importava o que dissessem os historiadores ou intérpretes d’A Ilíada, a guerra de Troia fora uma guerra de amor, A Guerra do Amor. A jovem Helena, a mulher mais linda de todas, levada pelo amor do príncipe Paris provocara uma guerra que durara o quê, dez anos? Não importava o tempo. Importava o amor.

E suspirava ao mesmo tempo em que mordida o lábio inferior, ligeiramente salpicado com o farelo da rosquinha de leite, e pensava no quanto era triste. Por anos a fio havia se perguntado qual era a razão de sua tristeza e agora começava a achar que finalmente encontrara a resposta: só podia ser a ausência de amor! Apaixonara-se apenas uma vez na vida — um garoto da escola que provavelmente nunca chegou a desconfiar que ela, a “Bunda Mole Farias”, seria capaz de fazer qualquer coisa por ele.

Sorriu ao lembrar do “Bunda Mole Farias”, apelido carinhoso que Isaque — o menos exemplar dos alunos do colegial — lhe colocara no começo das aulas e que, em segredo, lhe acompanhou por toda a vida escolar. Seu nome era Bruna Mota Farias e ela era gorda, a vítima perfeita para um rapaz problemático disposto a apelidar qualquer pessoa que não se encaixasse no que ele entendia ser o antro-po-ideal-estético-minimamente-aceitável, ou simplesmente uma pessoa que ele consideraria “normal”.

Não tinha reservas quanto ao seu peso nem tentava fingir que não era com ela quando a balança ultrapassava os cem quilos e corria desesperadamente aos cento e vinte e um.

— Nem um quilo a mais, nem a menos — murmurava para a balança, geralmente decepcionada com o resultado de duas ou três semanas de dieta.

Xingava seu metabolismo lento, sua paixão por doces e sua preguiça. Era verdade que havia tentado entrar numa rotina de exercícios — primeiro caminhar, depois correr —, mas não 95

chegara a passar da primeira semana. Dietas não pareciam funcionar, exercícios físicos não haviam sido feitos para ela.

Será que esse era o motivo de nunca ter encontrado alguém que se apaixonasse por ela?

— Claro que não, sua boba — falou, olhando para a tela da tevê enquanto os créditos do filme subiam — Você está cansada de ver pessoas mais gordas que você, mais feias que você, de mãos dadas com outras, completamente apaixonadas. O amor não tá nem aí pra isso.

Seu problema é a sua droga de timidez! É, só pode ser isso! Não é verdade que, de vez em quando, algum rapaz bem intencionado vem conversar com você? O problema, sua tapada, é que você os espanta com a sua absoluta falta de assunto!

Ela recapitulou alguns desses momentos — o mais intenso deles na prateleira de livros de bolso de uma livraria do shopping. Um homem muito bonito, tatuado, barba por fazer, lhe pedira a recomendação de algum livro e ela, gaguejando, disse-lhe que adorava as poesias da Florbela Espanca, mas que O Morro dos Ventos Uivantes a emocionara profundamente.

Sorrindo, o homem pegou os dois, agradeceu e perguntou se podia lhe pagar um café em agradecimento, ali mesmo, dentro da livraria, e ela (tapada, tapada, tapada!) disse não-obrigada-preciso-ir-embora-estão-me-esperando.

Quem lhe esperava? Paris, claro.

Olhou para o gato, torceu o lábio e decidiu que sairia no dia seguinte — uma sexta-feira —, encheria a cara — ela não bebia, mas se beber ajudasse a perder um pouco a timidez ela 96

seria capaz de beber todas as garrafas do mundo — e tentaria conhecer alguém. Pensava no quanto seria mais fácil se tivesse amigas, mas infelizmente não podia contar com isso.

— Está decidido, Paris — ela afundou os dedos nos pelos do gato —, amanhã vou conhecer alguém e fazer com que esse alguém se apaixone por mim. É isso aí, Paris, eu não sou de se jogar fora. Sou uma mulher bonita e inteligente — a maioria das pessoas concordaria com ela

—, não deve ser tão difícil.

Ela retirou Paris cuidadosamente de seu colo, desligou a tevê e o DVD e foi lavar a louça. Enquanto lavava, cantarolava com a certeza de que, no dia seguinte, se apaixonaria ou faria alguém se apaixonar.

Estava decidida, e em breve descobriria que na maioria das vezes o amor não passa de um presente de grego.

97

O Azimuth

Para ler ao som de *I'll Follow the Sun*

Minha querida V.,

quando você encontrar essa carta, eu já estarei longe, muito longe. Peço que não se preocupe comigo. Ao contrário do que talvez você possa estar pensando, esta não foi uma decisão impulsiva, não. Durante anos eu vivi com a certeza de que este dia chegaria, que um dia eu largaria tudo o que amava, e que ao mesmo tempo me era como uma espécie de prisão, e seguiria de forma improvisada em direção a um horizonte que desconheço, mas para o qual sempre estive destinado.

Enquanto escrevo, choro. Choro por saber que você se sentirá abandonada, traída, por não poder te dar um último beijo — que teria o gosto salgado das lágrimas que ambos verteríamos — e, principalmente, por saber que jamais nos veremos de novo e, ainda assim, não ter coragem de te pedir perdão, pois não considero justo que me perdoes.

Ainda é verdade que te amo, mas é mais verdade que teu amor me escraviza, e eu não nasci para ser escravo.

Quando você se perguntar por que parti, saiba que há muito eu já havia partido.

Meu amor por você há muito me roubou de mim.

98

Eu que me havia perdido

fujo de você

para me reencontrar comigo

O inverno acabou, e eu seguirei o sol. Me deseje sorte.

Seja feliz.

RC.

PS. Me desculpe pelo transtorno, V., e leve minhas desculpas às nossas famílias e aos convidados. Eu gostaria de ter encontrado a coragem necessária para fazer isso antes, mas infelizmente tinha esperanças de que no último minuto eu acabaria mudando de ideia.

FIM

99

100

A esperança (vã?) de dias tranquilos

Para ler ao som de *With a little help from my friends*

NÃO HÁ NADA COMO REENCONTRAR UM GRANDE AMIGO e ter a certeza de que ele permanece grande, e amigo. Verdadeiras amizades não são exauríveis nem sucumbem na distância, tampouco podem ser objeto de escambo. Não se troca amizade por amor, mas se o amor permanece é porque se transformou em amizade, é porque evoluiu.

Foi com a cabeça mergulhada nestes pensamentos que PH interrompeu a caminhada e sentou-se num dos bancos de cimento daquela praça. Alguns caminhantes iam, vinham; seguiam pelo caminho já traçado, voltavam sempre ao mesmo lugar.

PH sorriu e uma bela moça troncuda lhe sorriu de volta sem jamais desconfiar que o sorriso dele não era dirigido a ninguém em particular. Ele sorria por sorrir, justo como deveria ser, e imaginava que aquele seria um belo dia. Sim, sem dúvidas; aquela era uma bela manhã e aquele seria um belíssimo dia. O céu estava azul-clarinho, enfeitado por algumas nuvens que pareciam ter sido espalhadas por alguma palheta gigante, e o sol, que parecia dizer “*Guardem seus agasalhos, dessa vez eu vim para ficar!*”

Sorriu novamente, acendeu o primeiro cigarro do dia e ficou fumando, pensativo.

Conseguira, por recomendação médica e após muito esforço, passar de dois maços diários a dois cigarros por turno, assim como iniciara uma nova dieta e uma rotina de exercícios físicos: acordar às 05h00, tomar banho, comer algo leve, sair às 06h00, caminhar quarenta minutos, voltar, ajeitar as coisas, ir para o trabalho e encher o saco da secretária até o final do expediente, quando sairia para se encontrar com a velha galera de sempre e comemorar seu aniversário.

— Trinta anos de resistência — falou, satisfeito — Já começo a me sentir velho e fora de moda.

Desta vez, certo de que chegava a uma idade especial, decidiu que comemoraria de forma um pouco diferente dos anos anteriores e, por este motivo, passara os últimos quinze dias combinando um showzinho acústico na garagem da casa do Mago Djow com o pessoal de sua velha banda, *Os Legionários do Rock*, fundada na adolescência e que fizera um razoável sucesso entre os estudantes locais.

PH deu uma risada em voz alta ao lembrar que grande parte das letras das músicas eram do tipo meu-amor-me-deixou.

— E chamávamos aquilo de rock.

Um casal surgiu à sua frente e PH passou a observá-los. Era um casal muito idoso — *Que bonito!* — e a mulher andava com certa dificuldade, apoiada pelo homem que, ele deduziu, deveria ser seu marido.

103

O homem a segurava com cuidado e andava pacientemente ao lado dela. PH calculou que eles deveriam ter algo entre 70 e 80 anos — *E eu me achando o supprassumo da velhice!* — e sentiu-se estranhamente comovido pela beleza daquela cena. A mulher, constatou após observá-la com um pouco mais de cuidado, era cega, e justamente por este motivo o marido a guiava.

Por um momento, tentou imaginar a história vivida por aquele casal e acabou por concluir que não deveria ser muito diferente da história de tantos outros casais. Viu-os jovens, apaixonados, namorando às escondidas até decidir que queriam transformar aquilo numa coisa mais séria. Imaginou que o pai dela deveria ser contra o namoro — talvez até tivesse ameaçado com o equivalente de sua época da expressão “Se aquele vagabundo aparecer por aqui, eu arrancarei as bolas dele com uma faca cega!” —, e a mãe, cúmplice. Um dia a versão jovem daquele homem idoso inflara os peitos, se enchera de coragem e sentenciara: “Hoje falarei com teu pai e seja o que Deus quiser”. E assim foi, e o futuro sogro provavelmente gostou dele ou simplesmente decidiu aceitar, pois se convencera que de nada adiantaria tentar impedi-los (ele e a esposa sabiam bem disso) e com o tempo, quem sabe, chegaram inclusive a se tornar amigos.

Viu — caso conhecesse a expressão, ele diria: numa tomada sem cortes — a gravidez indesejada (Camisinhas e anticoncepcionais naquela época? Não mesmo!) que surpreendeu a todos (mas só de leve, pois tal perspectiva sempre estivera presente) e os jogou num abismo de inseguranças. O que seria deles de agora em diante? Seriam bons pais? Conseguiriam segurar as pontas até que os filhos pudessem viver por conta própria? E como seria? Tantas perguntas 104

para as quais não existiam respostas exatas talvez tivessem lhes roubado muitas noites de sono, mas houve um casamento arranjado às pressas, um filho que nasceu logo em seguida, os móveis usados dados de presente, e quando o sol anunciou uma estação acolhedora e colorida e as crianças sorriram sem por quês, veio a esperança de dias tranquilos e com ela a perspectiva de paz, do sossego pelo qual se luta e da felicidade com a qual se sonha.

Via no casal idoso a sua própria história, nada mais.

PH se levantou e decidiu que já estava na hora de ir embora, tomar um banho e se dirigir para o trabalho. Levava no rosto o mesmo sorriso com o qual acordara naquela manhã. No caminho, uma ideia um tanto ousada lhe ocorreu e, ao chegar em casa, a primeira coisa que fez foi pegar o telefone. Olhou a hora — *Talvez ele ainda esteja dormindo* —, deu de ombros e ligou para o Mago Djow. Ele atendeu na segunda chamada.

— E aí, pê-agá, feliz aniversário! Tudo certo pra mais tarde?

— Tudo sim, parceiro, não te acordei não, né?

— Nada, tava fritando uns ovos. Qual é a boa?

— O que tu acha de tocarmos umas músicas dos Beatles mais tarde?

O Mago ficou em silêncio e quando PH já se preparava para perguntar se ele ainda estava na linha, respondeu:

— Porra, parceiro, acho que vai ser ótimo!

105

— Como nos velhos tempos.

— É, como nos bons e velhos tempos.

Conversaram mais um minuto sobre possíveis músicas e depois se despediram, ambos desejando um ótimo dia de trabalho para o outro. PH recolocou o fone no gancho e foi se ajeitar.

Quando já estava se dirigindo para o carro, parou, voltou para o quarto e deu um beijo no rosto da esposa. Ela acordou e, ainda sonolenta, disse:

— Hum... Feliz aniversário.

— Obrigado, meu amor.

Ela se ajeitou na cama com uma expressão curiosa.

— Meu amor?

— Eu te amo, tá? Quero viver com você para sempre.

Ela não soube o que responder. PH lhe deu outro beijo e foi para o trabalho, sorridente.

Na cama, ela permaneceu espantada se perguntando que bicho mordera seu marido — e se ele podia ser criado em cativeiro — e pensando em suas últimas palavras.

— Eu também, Pedro Henrique, eu também — falou para o quarto vazio e abriu um sorriso.

106

Sobre o autor:

Roberto Denser nasceu em 1985, em Bayeux, na Paraíba. Ex-estudante de Letras e bacharel em Direito, ajudou a fundar o CAIXA BAIXA, grupo que movimentou os círculos literários paraibanos entre os anos 2011 e 2012 e, posteriormente, se desfez. Publicou alguns contos em jornais, revistas e antologias, e atualmente trabalha em seu primeiro romance.

Fale com o autor: robertodenser@gmail.com

Site/blog: www.robertodenser.com

Instagram: www.instagram.com/roberto.denser

Facebook/Fanpage: www.facebook.com/roberto.denser

Twitter: [@robertodenser](https://twitter.com/robertodenser)

